

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Ítalo Cássio de Assis

**Empregabilidade e comunidades de culto religioso em três  
grandes capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo  
Horizonte**

Belo Horizonte  
2022

Ítalo Cássio de Assis

**Empregabilidade e comunidades de culto religioso em três  
grandes capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo  
Horizonte**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Salej Higgins

Belo Horizonte  
2022

301	Assis, Ítalo Cássio de.
A848e	Empregabilidade e comunidades de culto religioso em
2022	três grandes capitais brasileiras [manuscrito] : São Paulo,
	Rio de Janeiro e Belo Horizonte / Ítalo Cássio de Assis. -
	2022.
	74 f.
	Orientador: Silvio Salej Higgs.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
	Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Sociologia – Teses. 2. Igrejas pentecostais - Teses .
	3.Redes sociais - Teses. I. Higgs, Silvio Salej.
	II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
	Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

**ÍTALO CÁSSIO DE ASSIS**

Aos 28 (vinte e oito) dias do mês de fevereiro de 2022 (dois mil e vinte e dois), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado, intitulada: **"Empregabilidade e comunidades de culto religioso em três grandes capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte"**. A banca foi composta pelos professores doutores **Silvio Segundo Salej Higgins** (Orientador – DSO/UFMG), **Jorge Alexandre Barbosa Neves** (DSO/UFMG), **Dimitri Fazito de Almeida Rezende** (DSO/UFMG) e **Antonio Carlos Andrade Ribeiro** (UFOP). Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação ( X )

Reprovação da Dissertação ( )

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.

Belo Horizonte, 28 de Fevereiro de 2022.



**Prof. Dr. Silvio Segundo Salej Higgins** (Orientador – DSO/UFMG)



**Prof. Dr. Jorge Alexandre Barbosa Neves** (DSO/UFMG)



**Prof. Dr. Dimitri Fazito de Almeida Rezende** (DSO/UFMG)



**Prof. Dr. Antonio Carlos Andrade Ribeiro** (UFOP)

## AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de todas as vivências da Universidade. É um simples “comprovante” das capacidades adquiridas ao longo do percurso. Meus agradecimentos não serão limitados apenas à academia, mas por esse ciclo que se fecha e que certamente foi o mais intenso até agora.

Primeiramente gostaria de agradecer a minha Mãe, que “luta” diariamente no mesmo *ring* que eu, a minha irmã por entender o estresse que me rondava e ao Gê pelas caronas pedidas em cima da hora, sem seus incentivos seria simplesmente impossível ter completado esta missão.

Agradeço aos meus amigos e amigas de fora da academia por entender o sumiço que de repente acontecia, em especial ao Dida, Douglas e Waltin.

Agradeço a Nanda por tudo, teria sido insuportável sem você, fico feliz por saber que posso contar com você em todos os momentos dentro e fora da universidade.

Agradeço ao professor Salej por ser um mentor, uma inspiração, um guia na forma de ver e aprender as coisas, por sempre incentivar a buscar a superação do que foi aprendido, “buscar sempre o fino”, sou grato por ter me ajudado em todas as oportunidades possíveis.

Agradeço a todos e todas que torceram por mim e confiaram na conclusão de uma etapa tão importante e difícil.

Enfim, eu consegui e não pretendo parar por aqui.

## RESUMO

O crescimento do pentecostalismo na América Latina tem sido tema de debate entre diferentes especialistas das ciências sociais, esse movimento se espraiou rapidamente dos Estados Unidos para países pobres da América Latina, no Brasil estudos apontam que a fé evangélica interfere nas condições socioeconômicas, no reconhecimento e no âmbito da cidadania com oscilações positivas no mercado de trabalho nos últimos vinte anos.

O objetivo desta dissertação é contribuir na compreensão do fenômeno da intermediação entre ofertantes e demandantes de trabalho incorporando outra determinante: a filiação religiosa, em particular o crescimento das igrejas neopentecostais no Brasil nas últimas décadas, e está dividido em nove seções: na primeira, abordamos o tema da afluência brasileira/pentecostal. Na segunda e terceira seção, abordamos o campo de pesquisa no Brasil e dados de ganhos salariais. Na quarta e quinta, apresentamos as teorias sociológicas envolvidas e os mecanismos da teologia da prosperidade. Sexta seção a questão e a hipótese de pesquisa. Na sétima, a metodologia e a coleta de dados. Na oitava, os principais resultados. Na nona seção, apontamos algumas discussões para o campo sociológico e tiramos a limpo as nossas conclusões.

**Palavras-chave:** inserção-laboral; comunidade-de-culto; mecanismo-compreensivo

## **ABSTRACT**

The growth of Pentecostalism in Latin America has been the subject of debate among different specialists in the social sciences, this movement quickly spreads from the United States to poor countries in Latin America, in Brazil studies indicate that the evangelical faith interferes with socioeconomic conditions, recognition and within the scope of citizenship with positive fluctuations in the labor market in the last twenty years.

The objective of this dissertation is to contribute to the understanding of the phenomenon of intermediation between offerers and demanders of work, incorporating another determinant: religious affiliation, in particular the growth of neopentecostal churches in Brazil in recent decades, and is divided into nine sections: in the first, we address the theme of Brazilian/Pentecostal affluence. In the second and third sections, we approach the field of research in Brazil and salary earnings data. In the fourth and fifth, we present the sociological theories involved and the mechanisms of prosperity theology. Sixth section the research question and hypothesis. In the seventh, the methodology and data collection. In the eighth, the main results. In the ninth section, we point out some discussions for the sociological field and draw our conclusions.

**Keywords:** Labor insertion; Cult community; Understanding-mechanism

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Produto Interno Bruto, Produto Interno Bruto per capita, população residente e deflator, dos anos de 2001-2013, Brasil.....	12
<b>Tabela 2:</b> Perfil demográfico das religiões evangélicas, segundo IBGE, 2010, Brasil.	16
<b>Tabela 3:</b> Distribuição percentual das percepções de melhorias atribuídas à prática associativa segundo tipo de entidade no bairro Paraisópolis, da cidade de São Paulo – Brasil.....	23
<b>Tabela 4:</b> Amostra com validade inferencial para três municípios.....	37
<b>Tabela 5:</b> Teste univariado – Qui quadrado de aderência .....	41
<b>Tabela 6:</b> Modelo bivariado – Qui quadrado de independência .....	42
<b>Tabela 7:</b> Modelo logístico* .....	43

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> PIB do Brasil dos anos de 2000 a 2014, variação anual com média de 3.5, em que a linha de setas é a média móvel.....	13
<b>Gráfico 2:</b> Produto Interno Bruto, per capita (Nominal), dos anos 2000-2014, Brasil..	13
<b>Gráfico 3:</b> PIB per capita ajustado pela desigualdade, dos anos 2001-2013, Brasil. ..	14
<b>Gráfico 4:</b> Perfil demográfico das religiões no Brasil, 1872-2010 .....	15
<b>Gráfico 5:</b> Brasil afluência econômica e perfil religioso, dos anos 2000-2014.....	16
<b>Gráfico 6:</b> Distribuição percentual dos entrevistados que participam de alguma igreja ou culto religioso, 2021 - Brasil.....	40
<b>Gráfico 7:</b> Distribuição de frequência dos entrevistados e os principais veículos de informações para inserção laboral, 2021 - Brasil .....	44
<b>Gráfico 8:</b> Distribuição de frequência dos entrevistados que tiveram contato direto com o informante para vaga de emprego. ....	44
<b>Gráfico 9:</b> Distribuição de frequência dos mecanismos que os entrevistados utilizaram para repasse de informação, 2021 – Brasil.....	45
<b>Gráfico 10:</b> Distribuição de frequência do nível de relação com o informante, 2021 – Brasil.....	45
<b>Gráfico 11:</b> Distribuição de frequência de como o entrevistado conheceu o informante sobre a vaga de trabalho, 2021 – Brasil .....	46
<b>Gráfico 12:</b> Distribuição de frequência de acordo com a frequência de contato entre entrevistado e informante da vaga de trabalho, 2021 – Brasil.....	46
<b>Gráfico 13:</b> Distribuição de frequência de acordo com o aprendizado do ofício adquirido pelo entrevistado, 2021 – Brasil.....	47
<b>Gráfico 14:</b> Distribuição de frequência quanto ao grau de satisfação do entrevistado com o trabalho, 2021 – Brasil.....	47
<b>Gráfico 15:</b> Distribuição percentual de entrevistados que indicaram outro membro da comunidade religiosa para algum tipo de vaga de trabalho, 2021 – Brasil.....	48
<b>Gráfico 16:</b> Distribuição de frequência de entrevistados que conseguiram ou não trabalho através de um outro membro da comunidade religiosa, 2021 – Brasil .....	48

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Hipótese da densidade .....	29
<b>Figura 2:</b> Hipótese do buraco estrutural .....	29
<b>Figura 3:</b> A tríade interdita.....	31
<b>Figura 4:</b> Laços fracos e pontes sociais.....	31
<b>Figura 5:</b> Teologia da prosperidade.....	33
<b>Figura 6:</b> Co-ocorrência das características dos laços fortes na inserção laboral.....	43

# SUMÁRIO

<b>1. Problemática .....</b>	<b>11</b>
1.1. O Brasil afluyente .....	11
1.2. O Brasil pentecostal.....	14
<b>2. Religião e economia: o campo de pesquisa no Brasil .....</b>	<b>17</b>
<b>3. Pentecostalismo e ganhos salariais: dados do caso brasileiro .....</b>	<b>23</b>
<b>4. Teorias pertinentes.....</b>	<b>25</b>
4.1. Inserção laboral pela via do capital social: o mecanismo causal de proximidade 25	
4.2. Framework analítico para diferenciar os estudos sobre o capital social .....	26
4.3. Ronald Burt: duas hipóteses do capital social.....	28
4.4. Mark Granovetter: a hipótese dos laços fracos no mercado de trabalho.....	30
<b>5. A teologia da prosperidade: mecanismo compreensivo .....</b>	<b>32</b>
<b>6. Questão e hipótese de partida.....</b>	<b>34</b>
6.1. Relação causal e hipótese da pesquisa.....	34
6.2. Objeto de pesquisa: comunidade de culto pentecostal .....	35
6.3. Objetivos de pesquisa .....	36
<b>7. Coleta de dados e metodologia .....</b>	<b>36</b>
<b>8. Resultados .....</b>	<b>38</b>
8.1. Perfil sociodemográfico da amostra .....	38
8.2. Análise univariada dos mecanismos de inserção laboral .....	41
8.3. Análise Bivariada dos mecanismos de inserção laboral.....	42
8.4. Análise Logística .....	43
<b>9. Considerações finais.....</b>	<b>44</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>48</b>

## 1. Problemática

### 1.1. O Brasil afluyente

No contexto do capitalismo global, o Brasil viveu entre 2001 e 2013 um ciclo de expansão econômica sem precedentes. A diferença das outras grandes economias emergentes, como a China, Índia e África do Sul, o crescimento sustentado do PIB, em média de 3,5%, foi acompanhado por uma expressiva redução das desigualdades. Mais de 25 milhões de pessoas saíram da pobreza extrema e 40 milhões pularam acima da linha de pobreza para engrossar uma nova classe média que foi estimada em 90 milhões de pessoas em 2010<sup>1</sup>.

Os estudos econométricos traçaram o perfil de um novo Brasil que teria atingido o sonho do capitalismo consumerista. Éramos por fim um país de classe média e de ingresso per capita médio segundo a estratificação do Banco Mundial. A nova classe C, segundo a estratificação da renda familiar per capita, elevou substancialmente a sua capacidade de compra e teve acesso a crédito mais barato. Realizou-se o sonho do socialismo da “linha branca”, da geladeira e fogão novos, somado ao carro popular na garagem<sup>2</sup>. O crescimento sustentado da capacidade de compra do salário mínimo, a transferência de renda condicionada, via bolsa família, somado ao ciclo virtuoso de investimentos produtivos e incremento da demanda, são os fatores macroeconômicos que explicam o ciclo expansivo. Porém, pouco sabemos dos efeitos concomitantes desta afluência nas representações sociais dos grupos que viveram a mobilidade ascendente ou daqueles que viram ruir as suas vantagens relativas. A identificação de uma nova partição de estratos de renda disse pouco sobre as mudanças nas visões de mundo dos grupos sociais, sejam eles classes, elites de poder, profissões, congregações de culto religioso, organizações de setores produtivos, etc.

---

<sup>1</sup> Acompanhamos a Pesquisa de Marcelo Neri (2011) “A nova classe C – O lado brilhante da pirâmide”.

<sup>2</sup> O PT, uma vez que conquista o governo com Lula, apostou por uma senda socialdemocrata ao estilo da velha Europa. A diferença do chavismo, os governos petistas não compraram embates fortes com setores do capitalismo financeiro nem do setor de transformação industrial. Foram um pouco mais incisivos com os setores empresariais do capitalismo agrícola, ao menos em três frentes, ambiental (controle do desmatamento, criação de um código florestal), trabalhista (maior fiscalização do trabalho análogo à escravidão e publicação da lista de empresas flagradas neste tipo de práticas) e demarcação de terras indígenas. O Estado Brasileiro dispersava, assim, os conflitos fundiários sem resolve-los. Tinha um ministério ao serviço do agronegócio e outro ao serviço da agricultura familiar (houve crédito e incentivos de produtivos para ambos). O pensamento reformista do Lula pode ser resumido em termos de aspirações humanas elementares no capitalismo: o pobre deve comer três vezes ao dia, ter geladeira, fogão e carro popular.

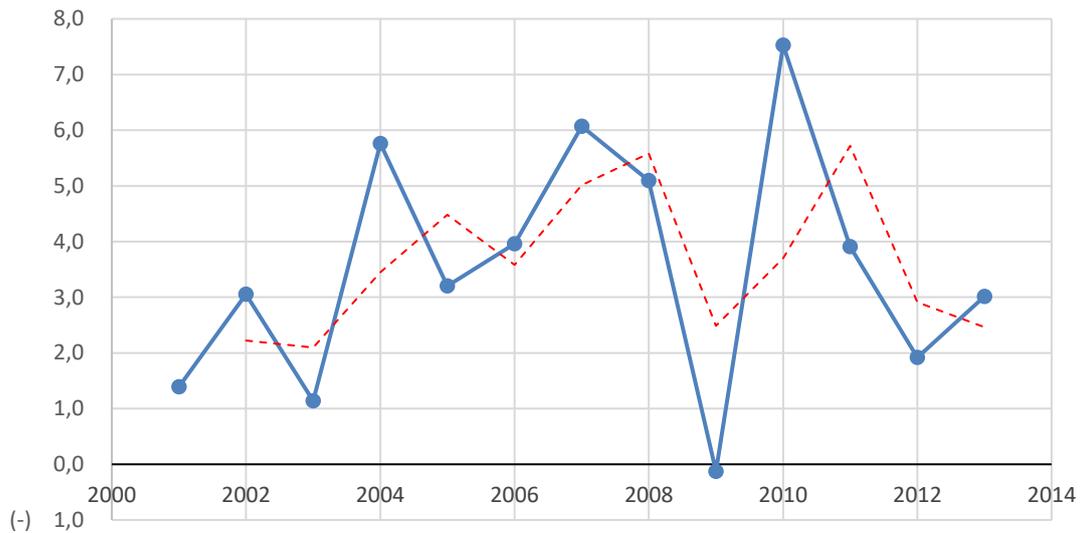
A título ilustrativo, apresentamos em continuação os dados básicos da variação do crescimento econômico pelo PIB. Os dados do IBGE constantes na tabela 1 permitem fazer algumas análises básicas da afluência econômica brasileira para o período respectivo.

**Tabela 1:** Produto Interno Bruto, Produto Interno Bruto per capita, população residente e deflator, dos anos de 2001-2013, Brasil.

Ano	Produto Interno Bruto				População residente 1 000 hab. (1)	Produto Interno Bruto <i>per capita</i>		
	1 000 000 R\$		Variação em volume (%)	Deflator Variação anual (%)		R\$		Variação em volume (%)
	Preços correntes	Preços do ano anterior				Preços correntes	Preços do ano anterior	
2001	1 315 755	1 215 758	1.4	8.2	175 895	7 480.35	6 911.84	(-)0.0
2002	1 488 787	1 355 932	3.1	9.8	178 288	8 350.46	7 605.29	1.7
2003	1 717 950	1 505 772	1.1	14.1	180 627	9 511.04	8 336.36	(-)0.2
2004	1 957 751	1 816 904	5.8	7.8	182 913	10 703.18	9 933.16	4.4
2005	2 170 585	2 020 441	3.2	7.4	185 144	11 723.76	10 912.81	2.0
2006	2 409 450	2 256 583	4.0	6.8	187 322	12 862.61	12 046.54	2.8
2007	2 720 263	2 555 700	6.1	6.4	189 445	14 359.12	13 490.46	4.9
2008	3 109 803	2 858 838	5.1	8.8	191 514	16 237.99	14 927.57	4.0
2009	3 333 039	3 105 891	(-)0.1	7.3	193 528	17 222.52	16 048.79	(-)1.2
2010	3 885 847	3 583 958	7.5	8.4	195 488	19 877.68	18 333.39	6.5
2011	4 373 658	4 037 753	3.9	8.3	197 394	22 157.00	20 455.30	2.9
2012	4 805 913	4 457 544	1.9	7.8	199 245	24 120.62	22 372.17	1.0
2013	5 316 455	4 950 744	3.0	7.4	201 041	26 444.63	24 625.54	2.1

Fontes: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais e Coordenação de População e Indicadores Sociais.

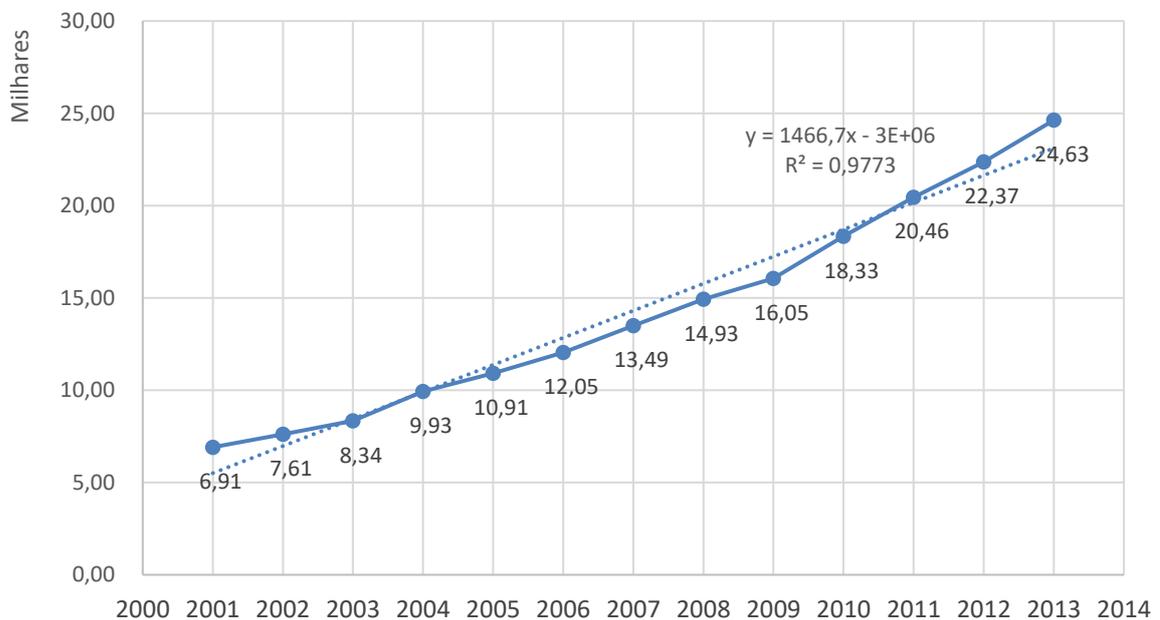
(1) População projetada para 1º de julho, série revisada.



**Gráfico 1:** PIB do Brasil dos anos de 2000 a 2014, variação anual com média de 3,5, em que a linha de setas é a média móvel.

Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

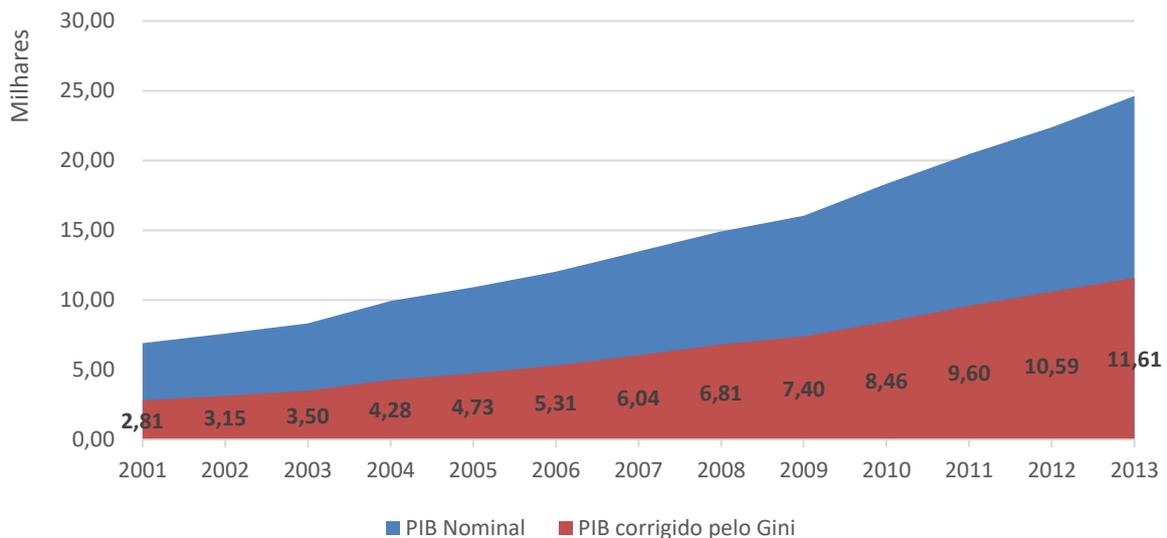
Ainda que volátil, o crescimento médio do PIB foi de 3,5% para o período, como podemos ver no gráfico 1.



**Gráfico 2:** Produto Interno Bruto, per capita (Nominal), dos anos 2000-2014, Brasil.

Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

O PIB per capita demonstra um crescimento linear sustentado, sem desagregar o que são rendimentos do trabalho e do capital. Tampouco deve confundir-se com as análises da renda per capita familiar feitas por Neri, pois esta última análise tem como unidade de observação a família, sendo seus dados de entrada a Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD).



**Gráfico 3:** PIB per capita ajustado pela desigualdade, dos anos 2001-2013, Brasil.

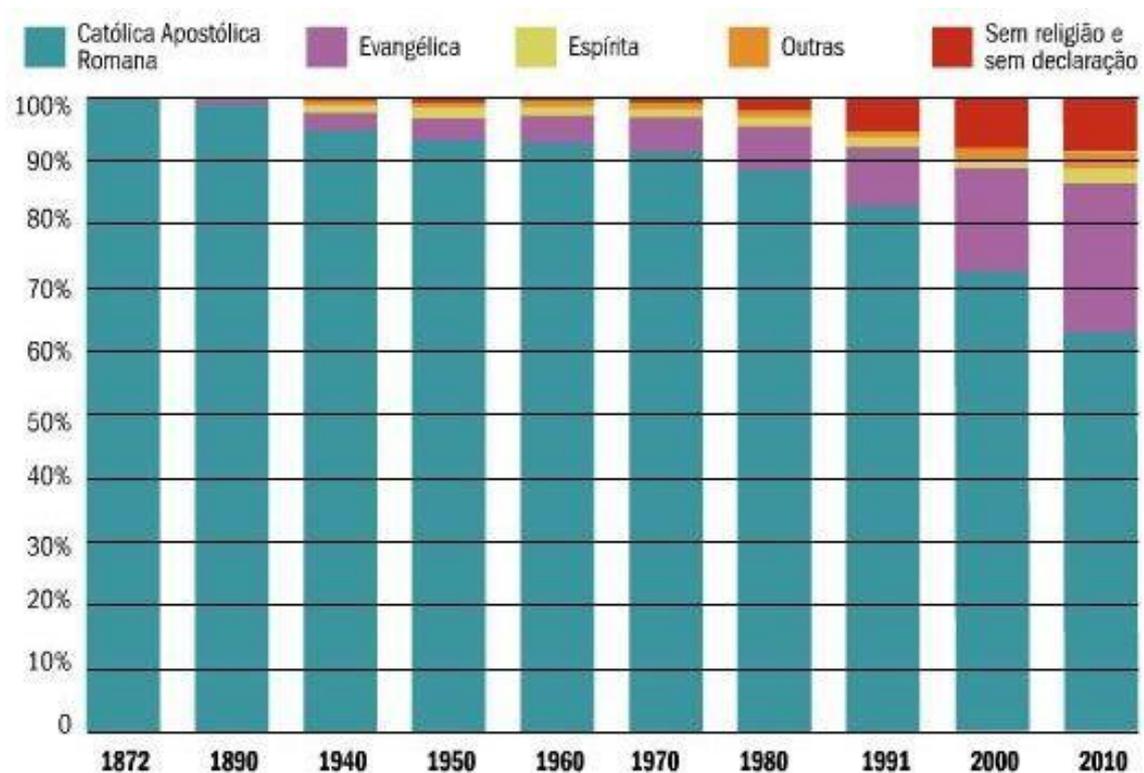
Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Dada a desigualdade na distribuição da renda nacional que agrega os ganhos do capital e do trabalho, incluindo o saldo líquido dos fluxos econômicos do país com o resto do mundo, é necessário corrigir o PIB per capita. A conta mais simples é o índice proposto pelo economista indiano Amartya Sen, consiste em multiplicar o PIB per capita pela diferença da unidade e o coeficiente de GINI: renda per capita corrigida é igual ao PIB per capita vezes  $(1 - \text{Gini})$ . Desta forma, obtemos uma nova média que no gráfico corresponde à linha laranja. Intuitivamente, a camada azul corresponde à fatia do PIB per capita acumulada pelos setores mais abastados. Ainda assim, O PIB per capita corrigido demonstra um crescimento expressivo.

## 1.2. O Brasil pentecostal

Concomitante ao período de afluência acima descrito, o censo demográfico publicado em 2010 confirma a crescente transformação do perfil religioso do Brasil. No que podemos denominar como a “descatolicização” do Brasil, em quarenta anos,

desde 1970, a população que se autodeclarava como católica caiu 27,2%. Tomando os números absolutos de 2010, 123,3 milhões (64,62%) consideravam-se de filiação católica apostólica romana, enquanto que 42,28 milhões (22,16%) se autodeclaravam evangélicos *latu senso*. Aqui é bom salientar que o IBGE inclui na categoria evangélicos tanto as confissões protestantes históricas como as de origem pentecostal. Não é nada fácil para um instituto de pesquisa construir categorias para um fenômeno cambiante como é a fé religiosa. Nesta fase de formulação não discutimos as possíveis ambiguidades da variável categórica do IBGE. De qualquer forma, os dados são claros ao apresentar uma tendência clara de migração religiosa da população brasileira (Gráfico 4).



Fonte: Direcção Geral de estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890, e IBGE, Censo Demográfico 1940/1991

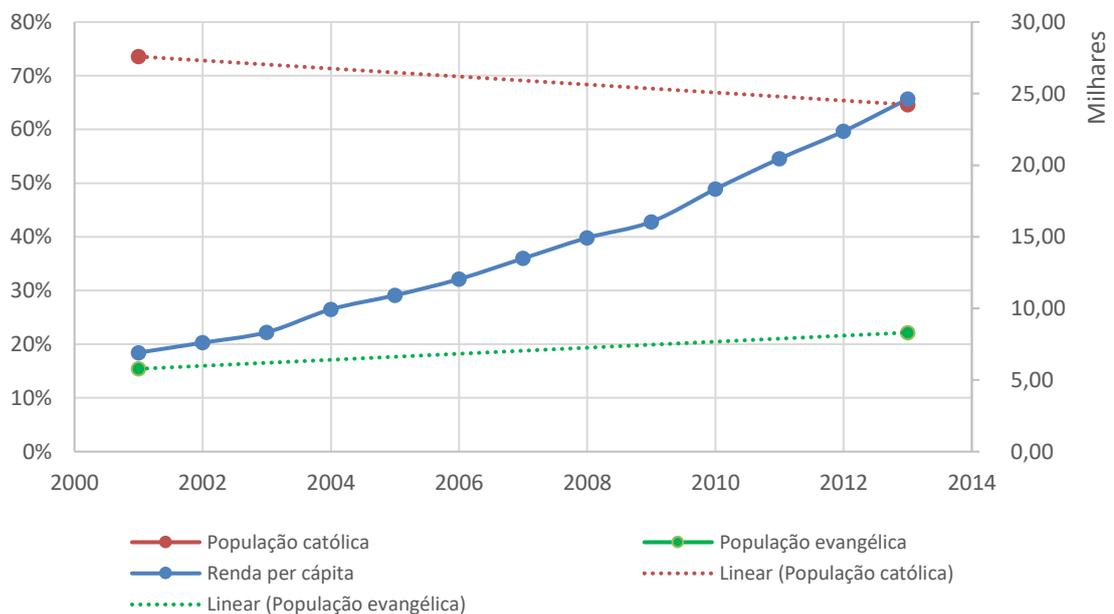
#### Gráfico 4: Perfil demográfico das religiões no Brasil, 1872-2010

Fonte: elaboração Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

**Tabela 2:** Perfil demográfico das religiões evangélicas, segundo IBGE, 2010, Brasil.

<b>Evangélicas</b> 42.275.440		
<b>Evangélicas de missão</b> 7.686.827 (18,1%)	<b>Evangélicas de origem pentecostal</b> 25.370.484 (60%)	<b>Evangélica não determinada</b> 9.218.129 (21,8%)

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Censo Demográfico 2010

**Gráfico 5:** Brasil afluência econômica e perfil religioso, dos anos 2000-2014

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

No Gráfico 5, podemos ver em conjunto as duas tendências para o período estudado. O encontro da curva de afluência econômica, medida pela renda per capita, e da linha que marca a tendência percentual de queda da população católica (8,95%), é um signo claro de uma transição social. De um país de renda baixa e majoritariamente católico para um país de renda média, na comparação internacional, e pluri-religioso. Incluímos o crescimento expressivo da população que se declara evangélica (6,75%), a qual deu um pulo de 26,19 milhões em 2000 para 42,28 milhões em 2010.

O “X” que gráfico 5 começa a desenhar impõe desafios para os cientistas sociais, teólogos e todos aqueles interessados nos fatos religiosos. Explicar a

correspondência entre estruturas objetivas do mundo social (afluência econômica) e estruturas subjetivas (perfil demográfico das crenças religiosas), entendidas estas últimas como princípios de divisão, classificação e justificativas da hierarquia social, é o problema maiúsculo de uma ciência social que visa superar suas velhas aporias. Esta intuição está presente como hipótese fundacional da sociologia do conhecimento de Émile Durkheim ([1912], 2014), mas tinha sido antes objeto da crítica de Karl Marx ([1867], 2014) às formas do pensamento na vida social (filosofia, religião e ciência burguesa). Max Weber ([1905], 2014), segue esta trilha fundacional da sociologia do conhecimento ao estudar as relações intrínsecas entre o pensamento religioso da reforma protestante do século XVI e a racionalidade econômica do capitalismo moderno.

Com a crise política e econômica de 2015, o Brasil entrou numa área de turbulência que trouxe para a superfície novas ideologias e representações sobre a ordem social. A nova direita que se manifesta na rua contra a corrupção reivindica discursivamente um amplo espectro de valores contra uma velha ordem corrupta. Mas pouco sabemos da composição social dessa nova maré. Temos alguns indícios de seu perfil social via a representação política que se consolidou na última eleição de 2014. De forma certeira a deputada Erika Kokay (PT-DF) definiu a nova composição do Congresso Nacional como BBB (bíblia, boi e bala). Com este acrônimo destaca-se a força parlamentar das igrejas evangélicas de cunho pentecostal, o setor da frente agropecuária e o lobby dos fabricantes de armas.

## **2. Religião e economia: o campo de pesquisa no Brasil**

A mudança no perfil religioso do Brasil acompanha as transformações do processo econômico desde os alvares do século XX. De forma particular, a guinada pentecostal convida a uma análise mais estreita das relações internas entre a esfera econômica e religiosa.

Segundo Freston (1995) o processo histórico do pentecostalismo brasileiro pode ser dividido em três grandes ondas:

A primeira onda do pentecostalismo chega ao Brasil no início do século 20, trazido por imigrantes suecos vindo dos Estados Unidos se estabelece no norte do país onde foi criada a Igreja Pentecostal Assembléia de Deus, as lideranças assembleianas, em princípio, tiveram aspirações sociais modestas, com poucas

preocupações de mobilidade social e uma negação da educação formal eclesiástica, ao contrário dos missionários americanos. Como crescimento moderado frente a oposição católica, os líderes assembleianos optaram por vida simples e tradicional que servia de exemplo aos fiéis. A Igreja Cristã do Brasil pode ser considerada a igreja pentecostal mais antiga no Brasil, seu fundador palestrava em italiano para os imigrantes italianos em São Paulo e no Paraná e com a ascensão houve a necessidade de palestrar em português sedimentando assim suas tradições doutrinárias baseadas na predestinação, forte ênfase na assistência mútua entre seus membros e na ética do trabalho, juntamente com o distanciamento midiático e pouca cooperação com as demais igrejas (mesmo as pentecostais), tal estratégia ofereceu uma estabilidade doutrinária, isto gera um preço de que as redes relacionais devam funcionar bem para que o sistema não se desfaça.

A segunda onda do pentecostalismo brasileiro começou na década de cinquenta com a vinda do missionário estadunidense Harold Williams, este funda a Igreja do Evangelho Quadrangular cuja principal estratégia consistia em liderar comitivas de cura físicas e psicológicas em locais seculares, pois se utilizava tenda de um circo, fazendo com que as massas religiosas saíssem dos templos. Desta forma, a Igreja Quadrangular atende a novos anseios de consumo e de uma espiritualidade mais emocional e menos doutrinária. A Igreja do Evangelho Quadrangular tem um papel importante na importação de técnicas religiosas tais como cultos grandiosos em formatos de espetáculos, ausência de punição no inferno, a serem utilizadas na nova sociedade de massa oriunda do êxodo rural. A Igreja Brasil para Cristo utilizando das mesmas estratégias deu um passo ainda maior para a captação das massas, ao afirmar o nacionalismo religioso e de certo modo ao rejeitar o domínio estrangeiro religioso que era facilmente encontrado nas demais igrejas. Seu fundador Manoel de Mello inovou e investiu fortemente nas mídias além de indicar candidatos para a política, algo que até então, não acontecia em igrejas pentecostais. Por sua vez, a Igreja Pentecostal Deus é Amor se destaca pela estratégia de ofertar palestras para os transeuntes. Cria uma doutrina sectarista (das vestimentas aos esportes), reforça a separação dos hábitos mundanos, fato que atrai novos membros que sentem a necessidade de uma maior coerção cotidiana, além de praticar, de forma embrionária, um sincretismo religioso, com simbolismos católicos e umbandista.

A terceira onda do pentecostalismo brasileiro tem início na década de oitenta, deu-se num contexto marcado pela urbanização descontrolada, a modernização e

popularização dos meios de comunicação, e o mais importante, a estagnação econômica herdada do final do governo militar. Esta conjugação de fatores está na base da elaboração doutrinal e espiritual das igrejas pentecostais neste período: a denominada “teologia da prosperidade”. A Igreja Universal do Reino de Deus foi a propulsora da terceira onda, seu líder Edir Macedo aproveita da popularidade e influência da televisão, adquirindo uma emissora, para sedimentar o novo pentecostalismo, este que por sua vez utiliza-se de curas associadas ao exorcismo, prosperidade mundana além da glossolalia (Freston, 1995). Há um afrouxamento na doutrina e no comportamento religioso cotidiano, como por exemplo, liberação das vestimentas, não há código de vestuário e nem controle disciplinar sobre seus membros.

O que robustece a terceira onda é a teologia da prosperidade. Esta representa uma nova ética protestante que se encaixa perfeitamente nos moldes de uma sociedade moderna, desigual e de consumo. A ideia consiste em afirmar que a prosperidade é legítima e admirada pela divindade, pois esta retornará os investimentos, sejam estes sacrifícios ou oferendas feitos pelos fiéis, na forma de recompensas que virão nesta vida: riqueza e saúde. Mesquita (2007) sintetiza a estratégia básica do pentecostalismo da prosperidade como uma aliança entre o fiel e a divindade, “aliança com Ele”, na qual a criatura se torna sócio de um empreendimento espiritual e econômico que exige sacrifícios e a oferta de uma percentagem de tudo o que ganha na espera de uma retribuição terrena.

"Dar o dízimo é candidatar-se a receber bençãos sem medida (...) sob os aspectos físicos, espiritual e financeiro." (Macedo,1993)

A teologia da prosperidade atende e se aproveita de um momento socioeconômico que lhe é cômodo e único. É evidente que dízimos e ofertas somam uma grande relevância no sucesso do estrategema, porém a sagacidade administrativa institucional é significativa. A teologia da prosperidade eleva o nível dos desejos de seus fiéis, criando assim mecanismos de busca de acesso a bens de consumo e de renda sem que haja um movimento questionador das clivagens de poder e prestígio social embutidos na teologia, fazendo com que os mecanismos de busca sejam infinitos em uma sociedade estratificada.

Segundo Mesquita (2007) a expectativa de mudança de vida e acesso aos bens de consumo estão diretamente relacionados ao esforço de melhorar de vida. O corpo

eclesiástico ao incentivar o consumo de um bem qualquer, aciona um indicador de superação da condição de vida do fiel, há um incentivo direto, neste caso da divindade por meio do corpo eclesiástico, na busca de soluções para os problemas de subsistência e desgraça pessoal da condição social do fiel. Desta forma a religião, engrena as aspirações mais profundas dos fiéis nas molas propulsoras da sociedade de consumo. A prosperidade envolvida não é somente a do consumo de bens e alcance de renda, existem fatores subjetivos envolvidos na prosperidade pentecostal, como por exemplo felicidade, organização familiar e saúde e toda adversidade e revés são considerados contratempos facilmente transponíveis devido a “aliança feita com Ele”. O fiel “parece administrar as continuidades e descontinuidades da sua história pessoal segundo uma nova economia temporal, menos amarrada à possibilidade do momento, mais comprometida com projeções de futuro” Mesquita (2007) apud. Mafra, 2000, p. 68).

Estudos recentes, indicam que as igrejas pentecostais são utilizadas como espaço para implementação de empreendimentos econômicos. Corrêa (2016) achou em sua pesquisa empírica que as igrejas pentecostais são frequentemente vistas como empresas em estrito sentido, os pastores precisam investir em sua igreja para fazê-las crescerem e trazer maiores retornos financeiros, criando uma dinâmica concorrencial. O processo de conversão é um dos pilares centrais desta concorrência. É mais fácil trazer um fiel de outra igreja protestante para uma nova denominação do que converter um fiel de outras religiões. E para isso, os pastores precisam garantir que não haja evasão dos fiéis e que suas igrejas ofereçam o melhor retorno para seus membros, o que geralmente se dá através de eventos, honorarias e assistências. As posições de liderança dentro da igreja são dadas às pessoas com maior poder aquisitivo para desestimulá-las a buscar outras denominações. Os mais pobres geralmente permanecem como membros a vida inteira, mas a eles cabem os serviços de assistência, que geralmente são de cunho social e não financeira. Os pastores estimulam que as assistências sejam, geralmente, um apoio moral, psicológico ou oferta de ajuda, como, por exemplo, uma vaga de emprego. As doações em dinheiro são desestimuladas para evitar que haja casos de aproveitadores dentro das igrejas. Também são feitas ameaças como as de lançar maldições sobre o fiel que tenta abandonar a igreja, deste modo o pastor garante sua presença pelo medo. Outro mecanismo desta concorrência é a difamação dos demais pastores, de modo a impedir o fiel de mudar de igreja por acreditar na incapacidade deles.

Os laços fortes são construídos dentro das igrejas com o objetivo de evitar com que os fiéis deixem as igrejas e se mantenham ativos. Everton (2018) afirma que em alguns casos os fiéis são colocados dentro das igrejas mesmo contra sua vontade e ainda sim contribuem de forma ativa, uma vez que os laços fortes, especialmente os de homofilia, tornam os indivíduos mais cuidadosos com condutas que possam ser vistas de forma negativa pelos outros do mesmo grupo, por outro lado, os laços fracos são usados para a construção de redes religiosas que se associam a outras igrejas ou até mesmo a instituições seculares. Segundo Everton, as igrejas pentecostais estão inseridas, geralmente, em uma rede de igrejas que incluem os fiéis nos mais variados espaços e atividades, de estudantes à empresários atuam na construção de redes que auxiliam na manutenção da igreja. Através da construção de laços fortes, os fiéis tendem a migrar menos de religião e/ou igreja e atuar em trabalhos voluntários. As igrejas se tornam um espaço de socialização e ascensão social e é sabido que as relações interpessoais representam e cristalizam uma estrutura de oportunidades para os indivíduos inseridos pois desempenham um papel crucial na possibilidade de inserção socioeconômica dos indivíduos, elas atenuam os riscos e ampliam as chances de ascensão.

Em um estudo feito na comunidade de Paraisópolis em São Paulo, Lavallo e Castello (2004) constatam que existe uma maior propensão evangélica em participar de associações, com a finalidade de inclusão social além dos benefícios socioeconômicos decorrentes do envolvimento em tais atividades associativas. Dentre os indivíduos com vínculos associativos 70% se concentram em associações de caráter religioso, os outros 30% estão alocados em associações de caráter político, econômico, cultural e de lazer, como por exemplo, associações comunitárias, ONGs, sindicatos e coletivos sociais.

Lavallo e Castello (2004) buscam identificar os fatores que alteram a propensão às práticas associativas entre os membros da comunidade, constroem modelos estatísticos para identificar as chances de um habitante participar quando comparado com outros não expostos aos mesmos fatores, como por exemplo, grau de escolaridade, nível de renda, situação ocupacional e religião, gênero, cor, tipo de família. A modelagem utilizada verificou que a variável religião quando agregada católicos e evangélicos aponta que um morador religioso tem seis vezes mais chances de participação associativa do que um morador sem religião. Quando desagregada a variável religião, a taxa de participação em associações dos evangélicos é superior a

dos católicos (65% contra 22%). Desta forma a filiação religiosa então é um fator que explica o engajamento associativo em Paraisópolis, respondendo pelos 42% das predições deixando como marginais as demais variáveis do modelo. A explicação perpassa pelo processo de intensidade das práticas dos evangélicos, ou seja, a rotina do fiel é preenchida com mais atividades na igreja gerando um maior engajamento social, criando e dinamizando laços sociais entre associações, fiéis e inclusão.

Os padrões encontrados por Lavallo e Castello demonstram que os evangélicos que moram há mais tempo na comunidade, mais jovens, pardos e brancos, empregados, com maior escolaridade e piores posições de renda , lideram em práticas associativas. O envolvimento nas atividades sociais das igrejas evangélicas permite que haja uma correlação positiva entre emprego e vínculo associativo evangélico, ou seja, as igrejas evangélicas emergem como agentes de intermediação capazes de propiciar benefícios materiais de caráter público e privado para seus fiéis. Haja vista que, em uma sociedade estratificada, os menos favorecidos mas não somente eles, utilizam da filiação religiosa como uma estratégia para o enfrentamento da pobreza, como já dito, grupos religiosos oferecem mecanismos e de certo modo instrumentos para a supressão de carência material. As igrejas evangélicas criam hierarquias administrativas religiosas onde seus cargos são remunerados abrangendo várias camadas sociais dentre seus fiéis. Mariz (1991) afirma que existem três tipos de estratégias utilizadas pelos fiéis para o enfrentamento da pobreza, sendo elas: 1) material; a simples doação e recebimento de bens ou recursos, 2) políticas; através de movimentos sociais e organizações, 3) culturais; está ligado diretamente a subjetividade do grupo religioso, como por exemplo, experiências de poder (renovação e conversão), valorização da autoestima (apreciação intelectual religiosa, leitura) e pertencimento (adoção da ética religiosa no cotidiano).

Lavallo e Castello (2004) constatam que aqueles indivíduos com vínculos associativos ,sendo eles de qualquer natureza, tem a percepção de melhoria de vida após engajamento associativos. Chama à atenção que 90% dos envolvidos nas práticas associativas evangélicas percebem melhoria de vida após seu engajamento. A Tabela 3 de resultados da pesquisa demonstra a percepção positiva independente da natureza da prática.

**Tabela 3:** Distribuição percentual das percepções de melhorias atribuídas à prática associativa segundo tipo de entidade no bairro Paraisópolis, da cidade de São Paulo – Brasil.

PERCEPÇÃO DE MELHORIAS	PRÁTICA ASSOCIATIVA: SEGUNDO TIPO				TOTAL*
	POPULAR/IDENTITÁRIA	RELIGIOSA			
		TOTAL	CATÓLICOS	EVANGÉLICOS	
MELHOROU	43,1	76,4	60,2	90,3	64,6
FICOU IGUAL	54,5	23,6	39,8	9,7	17,2
PIOROU	2,4	0	0	0	18,2
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Lavalle e Castello (2004)

\*Elimina a participação múltipla, mas inclui associações de caráter político e de lazer

A mudança no perfil religioso do Brasil, com a perda acentuada da filiação católica, encontra correspondência na transformação do aparelho produtivo e do consumo ao longo dos últimos vinte anos. Bernardelli e Michellon (2018) utilizando dados dos censos demográficos 1991, 2000, 2010, constatam a relevância da filiação religiosa protestante para o crescimento econômico. De fato, nos municípios onde houve um maior aumento da população protestante, a renda per capita aumentou em níveis superiores àqueles onde o aumento não foi significativo, além do aumento em outras variáveis de papel positivo no crescimento econômico, com o estoque de capital residencial. Em suma, a cada 1% no crescimento total de protestantes é acrescentado 0,06% na renda per capita nacional. Quando a variável protestantes é desagregada em tradicional e pentecostal, os protestantes pentecostais acrescentam 0,07% na renda per capita enquanto os tradicionais 0,01%.

Ao comparar entre o perfil dos católicos e dos protestantes, o estudo de Bernardelli e Michellon (2018) conclui que os católicos tendem a ter um comportamento mais conservador quanto aos riscos em matéria de investimentos. Eles evitam gastar em excesso e geralmente tem uma vida mais reservada. Já os protestantes ao perceber as obras de Deus em todas as esferas da vida, arriscam confiados em que Deus pode guia-los em investimentos com lucro potencial.

### 3. Pentecostalismo e ganhos salariais: dados do caso brasileiro

Trabalhos demográficos recentes têm abordado a relação entre guinada pentecostal e mobilidade social ascendente no Brasil. Com dados do censo demográfico entre 1970 e 2000, Potter, Amaral e Woodberry (2014) identificaram que há uma clara associação entre filiação religiosa pentecostal e ganhos salariais,

controlado pela raça, o nível de escolaridade e outros fatores demográficos. De forma metódica, os autores recortaram seu objeto levando em conta a qualidade e o potencial analítico dos dados disponíveis. Em primeiro lugar, limitaram aos dados censitários após 1970 em função da comparabilidade dos dados sobre ingresso. Em segundo lugar, a unidade de observação foi delimitada não pelo município e sim pela micro-região, 502 em total. Devemos lembrar que na janela temporal de trinta anos o número de municípios brasileiros mudou drasticamente o que levantaria problemas de comparação após a agregação dos dados. Desta forma, não foi trabalhado o microdado e sim o aglomerado de pessoas na microrregião, dentro da qual se isolaram as variáveis-chave da filiação religiosa, os ganhos salariais, a raça, a escolaridade. Em terceiro lugar, somente entraram na análise a proporção de protestantes homens empregados. Com isto, os pesquisadores simplificaram os problemas que coloca a rápida variabilidade nas taxas de participação das mulheres no mercado de trabalho. Finalmente, utilizaram ingressos e não dados sobre emprego, em função de que as taxas de participação da força de trabalho masculina variam pouco com a idade e o nível de escolaridade.

O resultado mais robusto foi a estreita associação entre a proporção de protestantes pentecostais e os ingressos dos homens definidos pelo lugar, a idade e a educação, sendo extremamente acentuado entre aqueles com menos de cinco anos de escolarização. Quando a variável raça foi incluída, a associação entre filiação pentecostal e incremento de ingressos foi muito maior entre grupos com alta proporção de não brancos. Isto é, homens não brancos (negros, pardos, etc.), com baixa escolarização e de filiação protestante pentecostal obtiveram maiores ganhos relativos no ingresso. Por exemplo, na faixa etária entre 15 e 24 anos, com máximo quatro anos de escolarização, em conglomerados onde há uma proporção entre 0% e 30% de população protestante pentecostal, com 60% de população não branca, o ganho relativo do ingresso é de 12%. Já no segmento de população sem não brancos o ganho relativo desaparece, isto é, o nível de ingressos permanece estável.

Os achados anteriores permitem levantar novas hipóteses em relação com o efeito cruzado da variável raça com a filiação religiosa. Tudo indica que a discriminação estrutural entre brancos e não-brancos no mercado de trabalho é paliada pelo vínculo com uma comunidade pentecostal. Como se o credo religioso fosse um antídoto contra a discriminação. Porém, os pesquisadores reconhecem que tudo são conjecturas em relação com os mecanismos causais que estariam por trás

destes resultados. Por exemplo, estaria operando no mercado de trabalho brasileiro a clássica credencial da idoneidade moral do protestante no caso do trabalhador não-branco com baixa escolarização? Isto não exige que os resultados possam estar deturpados, além do extremo cuidado dos pesquisadores com o recorte dos dados, pelo fato de que o emprego informal por conta própria é massivo nos mercados de trabalho na América Latina. Porém, eis a conjectura mais interessante para um estudo neo-estrutural proposta a partir do estudo de caso aqui resenhado:

“Imputed favor, is likely to be most important for those without educational credentials, as might be the advantage of a social network acquired through membership in a learning about jobs, or being recommended for them” (Potter et al. 2014, p. 147)

## **4. Teorias pertinentes**

### **4.1. Inserção laboral pela via do capital social: o mecanismo causal de proximidade**

Sem dúvida, a elaboração conceitual do capital social é o principal produto de exportação sociológico nos últimos trinta anos. James Samuel Coleman (1988, 1994) e Pierre Bourdieu (1980), cada um na tentativa de esclarecer problemas diferentes, contribuíram de forma decisiva na difusão científica deste conceito. Coleman se preocupou, no final de sua carreira e com certo ar durkheimiano, com o que ele considerava como o problema fundamental das sociedades assimétricas contemporâneas: a falta de solidariedade entre indivíduos que ocupam posições preestabelecidas em grandes organizações desenhadas pela vontade humana. Ele apelava para o que considerava como o imperativo da reconstrução racional da sociedade. Isto é, para a descoberta de formas de organização social mais frouxas onde indivíduos racionais encontrassem incentivos para tecerem laços sociais duradouros. Bourdieu, por sua parte, empreendeu o trabalho crítico de expandir o conceito do capital às esferas não econômicas da vida social. Desta forma, segundo ele, a sociologia conseguiria dar conta dos mecanismos de reprodução social da desigualdade que ficavam invisíveis quando os economistas, munidos do conceito de capital humano, se debruçavam sobre o mundo da instituição escolar. Para Bourdieu há outras formas de capital (cultural, simbólico e social) que se retroalimentam e, dessa forma, contribuem na reprodução da dominação social.

Pese aos esforços teóricos e metodológicos de Coleman e Bourdieu, a representação do capital social permaneceu, por muitos anos, no nível de uma noção ambígua, na fronteira entre o lugar comum e a analogia. As pesquisas empíricas, nos mais variados domínios, apontavam problemas diversos onde o capital social era mobilizado como variável explicativa, mas sem conseguir superar as ambiguidades próprias de uma noção pré-científica. Por exemplo, Coleman (1988), ao pesquisar o problema da evasão escolar, operacionaliza o capital social em termos da coesão familiar, identificando-o empiricamente nas interações densas entre pais e filhos a propósito do aprendizado escolar. Nesse estudo pioneiro, a hipótese central determinava que um alto nível de capital social, intra e inter-familiar, teria um impacto positivo na retenção das crianças na escola. Porém, restam algumas ambiguidades na pesquisa de Coleman: o recurso coletivo e relacional, denominado capital social, é apropriável pelos indivíduos, neste caso as crianças? Como discernir o que corresponde ao agente e o que corresponde à estrutura? O próprio Coleman, no capítulo vinte das *Foundations of Social Theory* (1994), afirma que o capital social pode ser assimilável a um bem público construível ou destruível pela ação *by product* dos indivíduos. Porém, não especifica os mecanismos sociais específicos que constroem ou destroem o capital social. Simplesmente se limita a colocar a hipótese de que uma estrutura densa de relações entre adultos seria a fonte de capital social que impacta positivamente o desempenho escolar das crianças (Coleman, 1988). Este tipo de questões obriga uma análise mais rigorosa que ajude a diferenciar os problemas sociais aos quais se aplica o conceito de capital social e as perspectivas teóricas e metodológicas com as quais se torna operativo.

#### **4.2. Framework analítico para diferenciar os estudos sobre o capital social**

Muitas das ambiguidades e confusões na aplicação e operacionalização do capital social são o resultado de uma indistinção básica entre ação social minimalista e maximalista (Ostrom e Ahn, 2003). Enquanto a primeira foca o investimento, com fins estratégicos, feito pelos indivíduos na construção de relações sociais, a segunda foca os mecanismos sociais que permitem resolver dilemas da ação coletiva (Olson, 1989). Na continuação apresentamos vários tipos puros, com alguns exemplos, que sintetizam as estratégias metodológicas no estudo do capital social:

**Quadro 1:** Tipologia metodológica do Capital Social

	<b>Pesquisas econométricas Amostragem probabilística</b>	<b>Pesquisas sociométricas Análises de redes sociais</b>
<b>Agir social minimalista</b>	Modelos de regressões para mensurar o impacto da participação associativa dos indivíduos em seu nível de renda (Neves e Helal, 2007), ou para mensurar o impacto das relações pais-filhos no rendimento escolar (Coleman 1988).	Estudos sobre autonomia estrutural dos atores, buracos estruturais e <i>brokers</i> (Burt, 2005). Mobilização de recursos e apoio afetivo por partes dos indivíduos inseridos em redes sociais (Lin, 2005). <u>Acesso ao mercado de trabalho (Granovetter, 1973).</u>
<b>Agir social maximalista</b>	Survey mundial de valores (Inglehart 2013). Correlações entre variáveis da comunidade cívica (Putnam, 1996). Barômetro de capital social (Sudarsky 2001)	Apelo de Ostrom e Ahn (2003) para a construção de teorias da racionalidade e da ação coletiva de segunda geração. Estudos sobre a conversão do capital relacional dos atores em controle social lateral em organizações colegiais (Lazega, 2001).

Fonte: Higgins (2012)

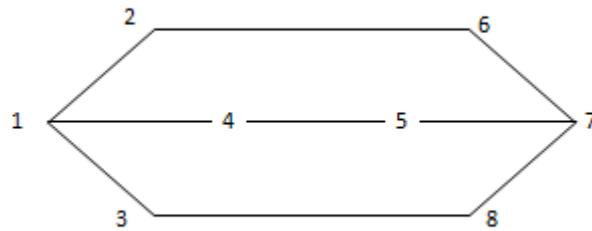
Nas linhas da matriz distinguimos entre agir social minimalista e maximalista. Nas colunas distinguimos entre metodologias que procedem por agregação de atributos individuais ou monádicos, denominadas como econométricas, e metodologias que procedem pela reconstrução de atributos relacionais ou diádicos, denominadas como sociométricas. Munidos destas distinções podemos situar as principais pesquisas de referência em matéria de capital social. O trabalho de Coleman sobre o capital social intrafamiliar pode ser situado no quadrante superior esquerdo. Pais fazem um investimento em relações sociais densas em prol do êxito escolar de seus próprios filhos. Para testar a sua hipótese, Coleman trabalhou com modelos de regressão logísticos. As pesquisas de referência sobre associativismo cívico, feitas por Putnam (1996) e seus seguidores (Sudarsky, 2001), estão situadas no quadrante inferior esquerdo. O problema-chave consiste em explicar o engajamento do cidadão na resolução dos problemas comuns, desvendando os

mecanismos horizontais da superação dos dilemas da ação coletiva. No quadrante inferior direito, situamos os avanços metodológicos no entendimento de como operam os mecanismos horizontais de participação. Lazega (2001) aplica a análise de redes sociais ao mundo das organizações colegiadas, intensivas em conhecimento, para desvendar os processos de interação que são relevantes na coesão e eficiência organizacional.

A problemática, da qual nos ocuparemos aqui, está situada no quadrante superior direito. Lin (2005) tem pesquisado de que forma os indivíduos conseguem mobilizar vantagens, recursos e apoio afetivo de suas redes de relações. Porém, Ronald Burt (1995, 2000, 2005) foi mais longe ao identificar o tipo de estruturas relacionais que facilitam o agir estratégico dos indivíduos na hora de obter vantagens, em especial informações úteis. Nessa perspectiva, Burt desenvolve três conceitos operatórios: (a) autonomia estrutural, ou grau de pressão e limitação que sofrem os atores por parte de seus pares inseridos numa rede de relações; (b) buraco estrutural ou setor de baixa densidade relacional onde um ator está em condição de obter informações não redundantes; (c) *broker* ou ator que ocupa uma posição de ponte entre dois setores mais densos dentro de uma rede social, este pode com antecedência obter informações mais ricas e privilegiadas ou cortar o fluxo informativo que não seja de sua conveniência.

#### **4.3. Ronald Burt: duas hipóteses do capital social**

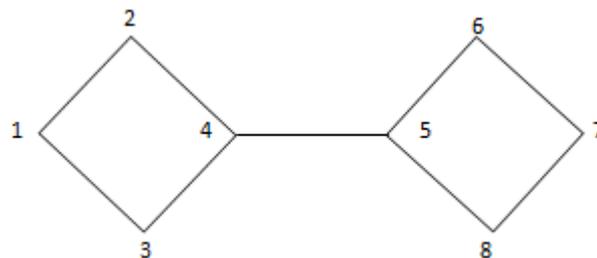
Do ponto de vista da sociologia neoestrutural (Lazega e Higgins, 2014), mais conhecida como análise de redes, os *insights* fundamentais de Bourdieu (1980) e Coleman (1988) tem sido operacionalizados sob a forma de duas hipóteses bem estabelecidas (Burt, 1995). Por um lado, segundo a hipótese da densidade ou do *closure* (Figura 1), postulada por Coleman, as estruturas relacionais densas, fechadas e estáveis operam como um recurso que favorece a criação de normas, a confiança interpessoal e a circulação de informação. Por outro lado, um grupo coeso terá melhor desempenho na concorrência intergrupala.



**Figura 1:** Hipótese da densidade

Imaginemos que o grafo anterior representa o sistema de trocas de um mercado popular. A densidade da rede permitirá que qualquer atuação oportunista de nodo 1, por exemplo, pagar com um cheque sem fundos, seja conhecida com rapidez pelo nodo 7. A diversidade de caminhos de relação de 1, através de 2, 4 e 3, facilita o controle social do oportunismo. Nesse caso, o grupo possui a capacidade de separar uma troca legítima de uma troca ilegítima.

Por outro lado, segundo a hipótese do buraco estrutural (Figura 2), postulada por Burt (1999), as estruturas relacionais abertas, diversificadas e porosas, favorecem o ganho individual. Esta hipótese trabalha com um axioma básico: as redes densas, com laços redundantes e fortes, degeneram a informação (Granovetter, 1973).



**Figura 2:** Hipótese do buraco estrutural

Imaginemos que o grafo anterior representa a situação-tipo estudada por Burt (1999), isto é, a rede completa de amizade entre gerentes de uma grande empresa. Caso uma informação útil saia do setor esquerdo da rede, o nodo 5, ou *broker*, estará em posição de guardar para si a informação não redundante. As análises de Burt complementam o achado fundamental de Granovetter (1973) sobre a força dos laços sociais. Laços fracos constituem pontes, inter-redes, por onde circulam informações não degeneradas. Enquanto Burt analisa a posição de vantagem dentro da estrutura, Granovetter qualifica o tipo de relação.

#### 4.4. Mark Granovetter: a hipótese dos laços fracos no mercado de trabalho

Em seu artigo seminal, *The strength of weak ties* (1973), Mark Granovetter introduz uma variante importante nas hipóteses sobre o capital social: a força dos laços. Desta forma, a sociologia neoestrutural traz uma inferência contraintuitiva sobre o efeito da coesão na cooperação do mundo social: grupos locais coesos por relações afetivamente intensas geram fragmentação no nível global, dando lugar a conglomerados desconexos e pouco aptos a agir coletivamente.

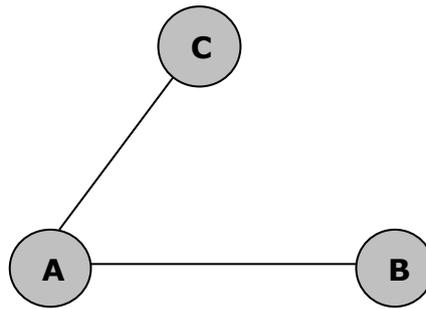
Granovetter propõe uma perspectiva sociométrica para o velho problema da passagem do micro ao macro em sociologia. No centro da questão está a dinâmica de transitividade. Até então, a sociometria tinha estudado o problema da transitividade em redes com pressupostos que operam só em pequenos grupos. A sua proposta consiste em superar o modelo DHL (Davis, Holland e Leinhardt, 1970-1971-1972) focado na escolha das relações:

“Escolhas interpessoais tendem a ser transitivas- si P escolhe O and O escolhe X, então P provavelmente escolherá X”. (Granovetter, 1973, p.1376).

Em seu lugar, Granovetter propõe focar na força da relação:

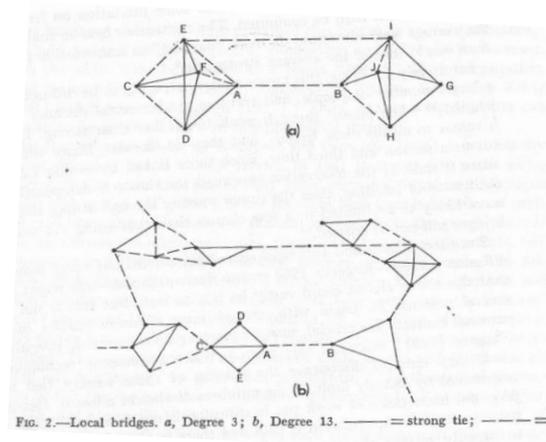
“Deixa X escolher O e O escolher P, então eu sustento que a transitividade – P escolher X ou X escolher P- é mais provável quando os ambos laços P-O e O-X são fortes que quando são débeis” (Granovetter, 1973, p.1377).

A transitividade, geradora de estruturas mais amplas, não é *per se* uma característica da estrutura social, ela deve ser identificada e explicada como um elemento chave no processo da ação coletiva. Sendo assim, Granovetter mobiliza a hipótese da força dos laços como um elemento chave na compreensão dos processos organizativos de nível macro. Lembremos seu o axioma sociométrico básico (Figura 3):



**Figura 3:** A tríade interdita

Se A, B e C estão unidos por laços fortes (frequentes e afetivamente intensos) não é possível que aconteça uma tríade aberta, a força dos laços fará com que a tríade se feche. Esta triangulação, fruto de um processo transitivo, não é inócua do ponto de vista sociológico. Grupos coesos, mas fechados sobre si, tendem a degenerar a informação e a qualidade dos recursos que circulam pela rede. Granovetter (1973) testa esta hipótese a partir de sua pesquisa sobre o mercado de trabalho, na qual consegue demonstrar que as melhores oportunidades de emprego (as melhor remuneradas e mais gratificantes) circulavam como informação a través de contatos com os quais os beneficiários da informação pouco se frequentavam (lapso de meses).



**Figura 4:** Laços fracos e pontes sociais

Fonte: Granovetter (1973)

Uma inferência hipotética importante que resulta do axioma da tríada interdita é a de que somente laços fracos constituem pontes entre redes sociais. Uma ponte haverá de ter como tamanho mínimo um grau  $d=2$ . Na figura 4a, a ponte entre os

nodos A e B é do tamanho do caminho alternativo  $d=3$ , na figura 4b, a ponte possui um grau de  $d=13$ , pois essa é a distância alternativa mais curta.

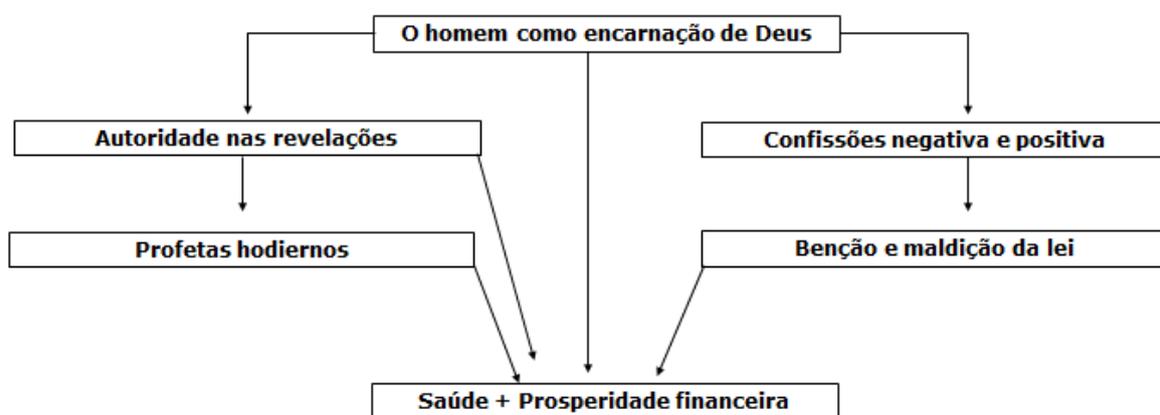
## **5. A teologia da prosperidade: mecanismo compreensivo**

Uma abordagem dos mecanismos interacionais de inserção laboral, com a consequente mobilidade ascendente dos ingressos, entre crentes de cultos pentecostais, ficaria incompleta se não prestamos atenção à dimensão discursiva da ação social. Neste caso, é ineludível focar o elemento de doutrina que impulsiona e confere sentido à vida do crente. Na trilha da hipótese fundante de Max Weber (1905), sobre a afinidade eletiva, no tipo puro, entre doutrina calvinista da predestinação e a busca racional do ganho, resulta pertinente reconstruir os elementos doutrinários da mal chamada teoria da prosperidade como elemento discursivo articulador e distintivo do protestantismo pentecostal. Em lugar de teologia, é melhor falar em doutrina. A teologia é um discurso derivado de um sistema de crenças, uma reflexão segunda como os próprios teólogos gostam de dizer, enquanto que a doutrina abarca o sistema de crenças que impulsiona a vida da comunidade de culto. Dito em forma breve, a doutrina é uma síntese viva, no nível discursivo, do ideal de vida da comunidade eclesial, sem maiores elaborações intelectuais por parte dos teólogos profissionais. A doutrina é pragmática, a teologia é cartesiana.

Em seus trabalhos de sociologia da religião, Max Weber (1905,2016) estuda o que há de específico no racionalismo ocidental para ter conduzido uma síntese única na tradição veterotestamentária da religião da irmandade. Não vamos resumir aqui esses argumentos amplamente conhecidos pela comunidade sociológica, mas simplesmente queremos enfatizar a hipótese fundante de Weber. Em que momento, pergunta Weber, a riqueza material deixou de ser um obstáculo no cumprimento dos preceitos do amor ao próximo? Só com a Reforma Protestante conciliaram-se a busca racional do lucro, e seu consequente acúmulo de riqueza, com a ética que manda cumprir primeiro os preceitos da solidariedade. No caso extremo do protestantismo metodista e calvinista, a riqueza deixa de ser um signo do egoísmo pecador para se tornar um sinal da benção de Deus. A Reforma conseguiu algo único, não presente nas outras grandes religiões do mundo (confucionismo, hinduísmo): a interpenetração das esferas ético-religiosa e econômica. Ao transformar o trabalho em vocação de santificação, a ética protestante criou as condições de um espírito racional que em

sua frugalidade termina gerando excedentes e atesourando riquezas. Até aqui, invocamos a análise weberiana.

A doutrina da prosperidade do protestantismo pentecostal retoma a riqueza como *certitudo salutis*, porém com elementos novos que não estão presentes na visão de mundo do Calvinismo tal qual foi examinado por Max Weber. Silveira (2007), após a revisão da literatura pentecostal de ampla circulação entre diversas comunidades de fiéis no Brasil, esquematiza os elementos doutrinários da chamada teologia da prosperidade da seguinte forma:



**Figura 5:** Teologia da prosperidade

Fonte: Silveira (2007)

Segundo o esquema anterior (Figura 5), o ser humano é a mesma divindade feita carne. Decorrente deste fato, do qual somente toma consciência o crente, derivam-se um conjunto de características pelas quais se faz operante e visível a ação do criador na criatura. O signo desse estado de graça é a prosperidade, entendida num duplo sentido, como saúde, no sentido de vitalidade física e mental, e prosperidade financeira, no sentido de riquezas comensuráveis na economia vigente. Tal prosperidade é concedida àqueles que permanecem fiéis, seja porque pedem a Deus sem duvidar ou acreditam que certos estados de coisas não acontecerão (confissão positiva e negativa). Além disso, Deus continua revelando seu poder no mundo presente através de atos extraordinários mediados por profetas do tempo presente, aqueles com o poder de curar e trazer a prosperidade a si mesmos e a seus semelhantes no culto.

Há uma lógica de retribuição básica que subjaz ao processo descrito pelo esquema anterior. Para ser próspero, o crente deve fazer sacrifícios que são

investimentos passíveis de serem multiplicados pela ação de Deus sobre o indivíduo. Assim, o dízimo para a sustentação do culto é um investimento com ganho certo. A doutrina da prosperidade supõe uma compreensão bancária da fé.

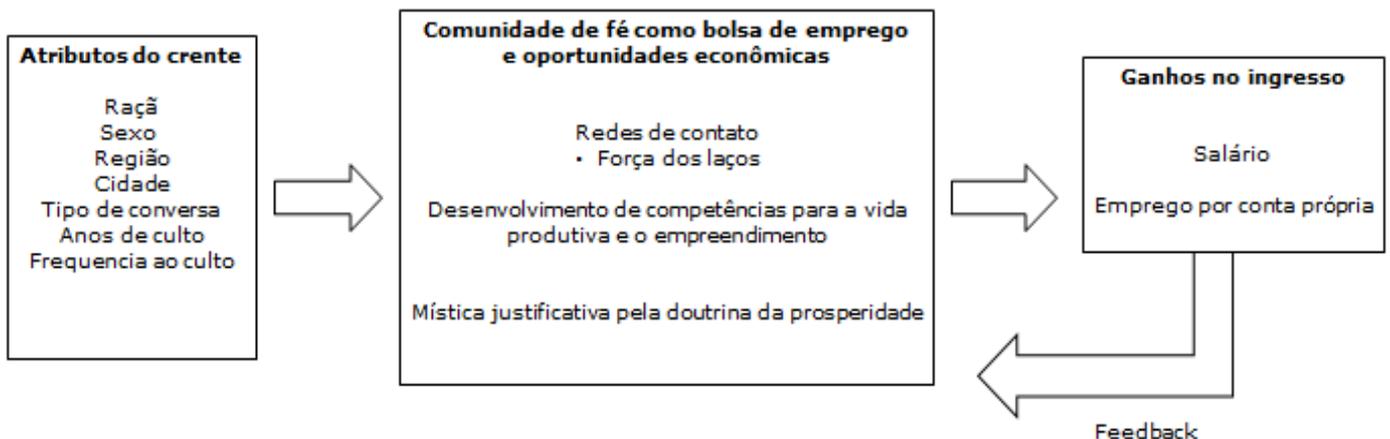
## 6. Questão e hipótese de partida

Decorrente do novo mapa religioso do Brasil, dos achados pertinentes em termos de ingressos da comunidade de culto, e das teorias invocadas, propomos investigar de forma profunda os mecanismos explicativos que operam na afluência desse segmento religioso:

- i) *Em que medida as redes de contato, tecidas em comunidades de culto, operam como mecanismos de inserção laboral e de oportunidades para a melhora dos ingressos do crente e sua família?*
- ii) *Dito de outra forma, opera a comunidade de culto como uma bolsa de emprego ou como uma escola de empreendedorismo para seus membros?*

### 6.1. Relação causal e hipótese da pesquisa

**Quadro 2:** Hipóteses da pesquisa



Fonte: elaboração própria

De forma esquemática, construímos a hipótese de que a comunidade de fé é a estrutura de proximidade que alavanca oportunidades de ganhos salariais (vínculo de trabalho formal) ou de emprego por conta própria para seus membros. Neste sentido, e levando em conta a teoria de Granovetter (1973), a força dos laços é um fator que faz a diferença. A priori, podemos postular que a comunidade de culto é uma fábrica de laços fortes, na medida que cumpre com a definição canônica de Weber sobre o que é uma comunidade, um grupo que pretende construir um todo homogêneo. Espera-se que o vínculo religioso seja um laço forte com as três características básicas: frequência, intimidade e mutualidade. Contrário à hipótese dos laços fracos, postulamos que no caso dos círculos religiosos os laços fortes seriam a mediação através da qual as pessoas acedem a oportunidades de emprego e qualificação para a vida produtiva.

A hipótese geral pode ser formulada nos seguintes termos:

*Em círculos religiosos, os laços fortes, e não os fracos, veiculam oportunidades de emprego e qualificação para a vida produtiva.*

Esta hipótese levanta novas perguntas em termos da degeneração da informação postulada por Granovetter (1973). Pois qual seria o mecanismo que, simultaneamente, evita a repetição da informação e veicula a renovação da mesma em relação com ofertas de trabalho e melhora de habilidades para a vida produtiva? Podemos lançar a conjectura de que os laços fracos, para além da comunidade de culto, seriam as pontes para a circulação da informação útil.

## **6.2. Objeto de pesquisa: comunidade de culto pentecostal**

Resulta necessário definir os contornos do agrupamento religioso que visamos estudar aqui. Aqui surge uma espécie de paradoxo, pois segundo Max Weber ([1920],2002) e ecoando a Tönnies, há duas dimensões bem diferenciadas quando falamos de sociedade (*Gesellschaft*) e comunidade (*Gemeinschaft*). A comunidade é um agrupamento que visa constituir uma totalidade coesa de valores e interesses, enquanto a sociedade é um conglomerado de agentes que estabelecem relações de intercâmbio guiados por interesses heterogêneos. Neste sentido, a esfera comunitária aponta em direção de valores comuns, próprios da esfera do ideal religioso (Durkheim, [1912],2014), já a esfera social aponta à divisão do trabalho social e a negociação

mercantil de interesses. Mas nossa busca está na trilha clássica de Weber: como um grupo de fé comunitário pode veicular interesses econômicos?

Desta forma, podemos afirmar que *entendemos por comunidade de culto pentecostal um grupo que compartilha a fé em Jesus Cristo como encarnação de Deus através de um sistema de vida ritual, frequente e regular, em ruptura com a Igreja católica, gerando intensos vínculos de pertença e formas de vida disciplinada onde a saúde e riqueza são signos da benção divina*. Evitamos utilizar o termo weberiano de 'seita', pois na seita se ingressa pela conversão, numa Igreja se nasce, para evitarmos a carga pejorativa que este possa trazer. Pois quando se fala em seitas muitos podem pensar em agrupamentos religiosos de menor importância pautados por atitudes fundamentalistas.

### **6.3. Objetivos de pesquisa**

- Para o caso específico das comunidades de culto no Brasil, estudar as relações entre a esfera religiosa e a esfera econômica no nível dos ingressos salariais e de autoemprego.
- Identificar os mecanismos causais de proximidade, que supomos serem do tipo redes interação, que possibilitam o ingresso ao mercado de trabalho dos crentes e a conseqüente variação relativa dos ganhos salariais e de autoemprego.

## **7. Coleta de dados e metodologia**

Como estratégia metodológica, adotamos uma investigação tipo *survey* com foco nas opiniões dos entrevistados distribuídos em 52 questões nas áreas de: condição de trabalho, perfil social, perfil moral, perfil religioso e mecanismos de obtenção de emprego (Anexo A).

Levando em conta as limitações financeiras, foi utilizado um complexo plano amostral probabilístico por conglomerados e estratificação, em três grandes capitais do Brasil: Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, no qual foram sorteados 20 setores censitários para cada município, sendo 300 entrevistas por município, totalizando 900 entrevistados que foram estratificados por sexo, participação em

cultos evangélicos e participação em outros tipos de cultos religiosos, juntamente com pessoas não religiosas (Tabela 4).

O instrumento de pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (inscrição N° 4.384.099). As entrevistas ocorreram em domicílio por uma empresa contratada, no ano de 2021. Na cidade de Belo Horizonte as entrevistas foram realizadas entre as datas 26/01/2021 e 28/01/2021. Já em São Paulo, nas datas de 26/04/2021 a 28/01/2021, e no Rio de Janeiro, entre os dias 29/04/2021 a 01/05/2021.

Para a supervisão dos dados houve o acompanhamento através do Sistema de Posicionamento Global (GPS) das localidades e gravação das entrevistas. O aferimento ocorreu em 22,7% da amostra.

Os resultados possuem validade inferencial predefinido com erro amostral de 2,65%. Foi feito um ajuste no peso da amostra através de ponderação considerando o tamanho populacional de cada município e filiação religiosa baseada no *World Values Survey* de 2017, sendo esta a pesquisa mais recente no Brasil cujo o tema “religião” esta envolvido.

O erro amostral se estima como

$$E_n = 1,96 \left( \frac{\sqrt{n}}{\sigma} \right) \quad (1)$$

**Tabela 4:** Amostra com validade inferencial para três municípios

<b>População</b>	<b>N da amostra</b>	<b>Erro %</b>
Participação em culto evangélico	450	2,65
Participação em outros cultos/ Não religioso	450	2,65
Total	900	2,65

Fonte: elaboração própria

## 8. Resultados

### 8.1. Perfil sociodemográfico da amostra

Ao analisar as variáveis do questionário, os respondentes no geral eram mulheres 52,2%, ainda que a porcentagem de homens seja bem próxima, com 47,8%. Se tratando da idade dos entrevistados, a faixa etária com maior destaque foi entre 45 e 59 anos de idade, com 25,37%, seguida de 60 anos ou mais com 20,14%, 35 a 44 anos de idade com 19,92%. As faixas de 18 a 24 anos de idade e 25 a 34 anos de idade apresentam a menor incidência de correspondentes, com 13,95% e 13,61% respectivamente (Quadro 3).

Em relação a variável raça, 38% dos entrevistados eram pardos. Em seguida temos os brancos, com 30,5%, pretos com 23%, amarelos com 6% e os indígenas apresentam menos de 1% dos casos. Os entrevistados da raça parda e preta, somam juntos mais de 61% dos casos (Quadro 4).

Entre os entrevistados, 51,6% eram solteiros, 31,8% casados, 9,9% divorciados e 4,9% em união estável (Quadro 5).

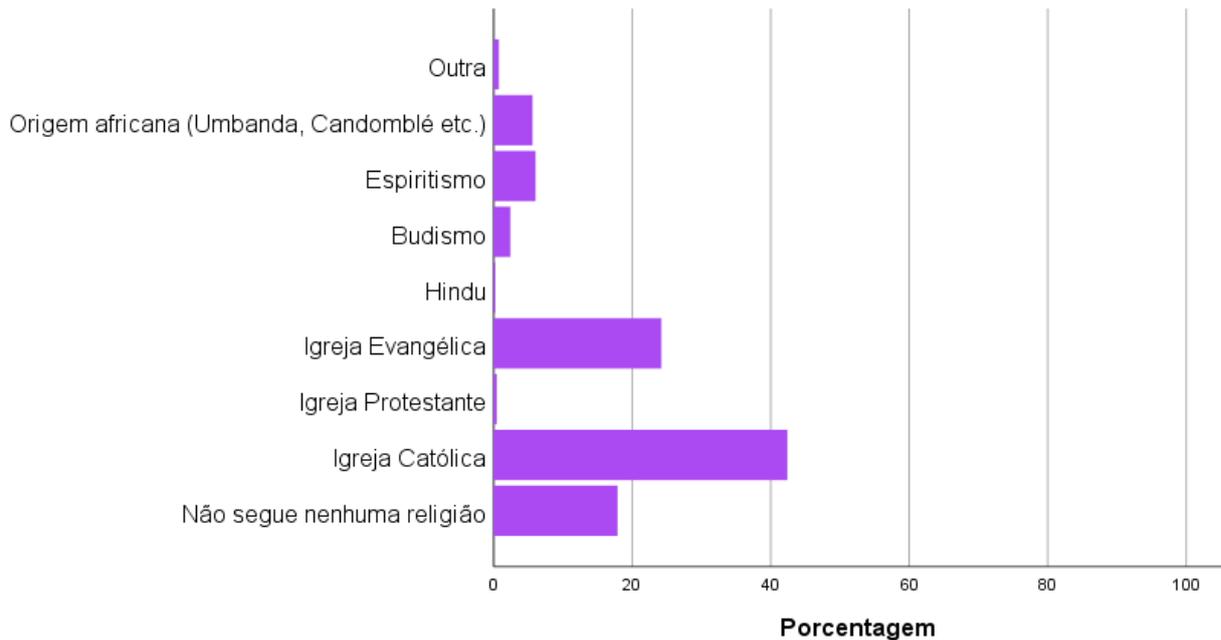
Ao verificarmos a variável escolaridade, os entrevistados no geral possuíam Ensino Médio Completo em 35% dos entrevistados. Seguido de Ensino Fundamental Incompleto com 24,26%, Ensino Médio Incompleto 16%, Ensino Superior Completo 8,55%, Ensino Fundamental Completo 6,9%, Analfabetos com 4,61% e Ensino Superior Incompleto com 3,8% dos casos entrevistados. Através desta variável foi possível perceber que entre os entrevistados que mais de 50% possuíam alta escolaridade (Ensino Médio Completo a Ensino Superior Completo). Seguido de 28,87% analfabetos ou com pouca instrução (Analfabetos e Fundamental Incompleto) e 22,95% escolaridade baixa (Ensino Fundamental Completo a Médio Incompleto) (Quadro 6).

Já em relação ao trabalho, foi perguntando se o entrevistado estava trabalhando na semana de referência da pesquisa, chama a atenção o fato de que 55% dos entrevistados declararam não possuir nenhum rendimento de trabalho na semana de referência, dentre os que declararam estar trabalhando, 44% trabalham por conta própria e 39% afirmam estar empregado com CLT. Entre os entrevistados que estavam empregados, 44,4% responderam trabalhar por conta própria, 39,5% serem funcionários/empregados, 8,7% serem do setor público, 2,7% realizarem trabalhos domésticos, e tanto empresários e pessoas que trabalharam por aplicativos

foram 2,2% dos respondentes. Em relação aos rendimentos a média de rendimentos entre os entrevistados foi de R\$2.533,00. Ao criarmos faixas de rendimentos, mais de 61% recebem entre meio e 2 salários mínimos, 35,62% acima de 3 salários mínimos e apenas 3,23% até meio salário mínimo. Vale ressaltar que o salário mínimo a partir de janeiro de 2020 era de R\$1.100,00 (Quadro 7). Com base na PNAD continua, a renda média da amostra está condizente com a média salarial da região sudeste, 61,15% dos entrevistados possuem a renda média salarial de até 2 salários mínimos.

Ao serem indagados em relação a filiação religiosa, 44,4% eram católicos, 24,2% evangélicos, 17,9% não possuíam religião/areligiosos, 6% espíritas, 5,6% de matriz africana, 3,5% outras religiões e 0,4% protestantes. Entre os que possuíam alguma filiação religiosa, 33,9% frequentavam culto religioso uma vez na semana, 18,9% mais de uma vez na semana, 9,9% poucas vezes no ano, 9,3% uma vez no mês e 2,7% uma vez a cada seis meses (Quadro 8).

O perfil religioso da amostra demonstra que 53% (Quadro 9) dos entrevistados frequentam cultos religiosos uma ou mais vezes a semana, tal fato demonstra a intensidade à prática da fé entre os entrevistados, dentre os praticantes 24% são evangélicos (gráfico 6). Visando diferenciar as denominações cristãs separamos o protestantismo histórico e o protestantismo de missão, este último (nosso foco) também conhecido como movimento pentecostal (Freston,1995) é certamente mais visível suas tendências doutrinárias, éticas de vida e práticas de culto.



**Gráfico 6:** Distribuição percentual dos entrevistados que participam de alguma igreja ou culto religioso, 2021 - Brasil

Fonte: Elaboração própria

**Quadro 3:** Perfil sociodemográfico da amostra

Sexo	Masculino		Feminino				
	47,8%		52,2%				
Idade	<b>18 a 24</b>	<b>25 a 34</b>	<b>35 a 44</b>	<b>45 a 59</b>	<b>Maior de 60</b>		
	13,95%	13,61%	19,92%	25,37%	20,14%		
Raça	<b>Branco</b>	<b>Preto</b>	<b>Pardo</b>	<b>Amarelo</b>	<b>Indígena</b>		
	30,5%	23,1%	38%	6,1%	0,9%		
Escolaridade	<b>Não frequentou</b>	<b>Fundamental incompleto</b>	<b>Fundamental completo</b>	<b>Médio incompleto</b>	<b>Médio completo</b>	<b>Superior incompleto</b>	<b>Superior completo</b>
	4,61%	24,26%	6,90%	16,05%	35%	3,8%	8,55%
Trabalho fixo semana referência	<b>Sim</b>			<b>Não</b>			
	44,93%			55,07%			
Rendimento do trabalho	<b>Média</b>			<b>Desvio tipo</b>			
	\$2.553,00			\$2.916,53			

<b>Posição no empreendimento</b>	<b>Empregado</b>	<b>Conta própria</b>	<b>Trabalho doméstico</b>	<b>Empresário</b>	<b>Setor público</b>	<b>Trabalho por aplicativos</b>	
	39,5%	44,4%	2,7%	2,2%	8,7%	2,2%	
<b>Rendimento do trabalho</b>	<b>Até ½ sml</b>		<b>De ½ até 2 sml</b>		<b>Acima de 3 sml</b>		
	3,23%		61,15%		35,62%		
<b>Filiação religiosa</b>	<b>Areligioso</b>	<b>Católico</b>	<b>Evangélico</b>	<b>Protestante</b>	<b>Matriz africana</b>	<b>Espírita</b>	<b>Outra</b>
	17,9%	44,4%	24,2%	0,4%	5,6%	6,0%	3,5%
<b>Frequência no culto religioso*</b>	<b>Mais de uma vez na semana</b>	<b>Uma vez na semana</b>	<b>Uma vez cada quinze dias</b>	<b>Uma vez no mês</b>	<b>Uma vez cada seis meses</b>	<b>Poucas vezes no ano</b>	
	18,9%	33,9%	7,5%	9,3%	2,7%	9,9%	
<b>Estado civil</b>	<b>Solteiro</b>		<b>Casado</b>	<b>União estável</b>		<b>Divorciado</b>	
	51,6%		31,8%	4,9%		9,9%	

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

\*As frequências não incluem as pessoas areligiosas

## 8.2. Análise univariada dos mecanismos de inserção laboral

Através de teste de aderência foi possível identificar quais os tipos de contatos sociais que mais favorecem a inserção laboral. O teste utiliza de uma distribuição hipotética de casos versus os casos obtidos na amostra, estimando se existe ou não uma diferença estatisticamente significativa.

As variáveis selecionadas (Tabela 5) apresentam resultados estatisticamente significantes para o qui quadrado de aderência. Isto é, os testes indagam se as frequências observadas em cada variável são significativamente diferentes, em termos probabilísticos, de uma distribuição aleatória ou uniforme., sendo possível as seguintes constatações:

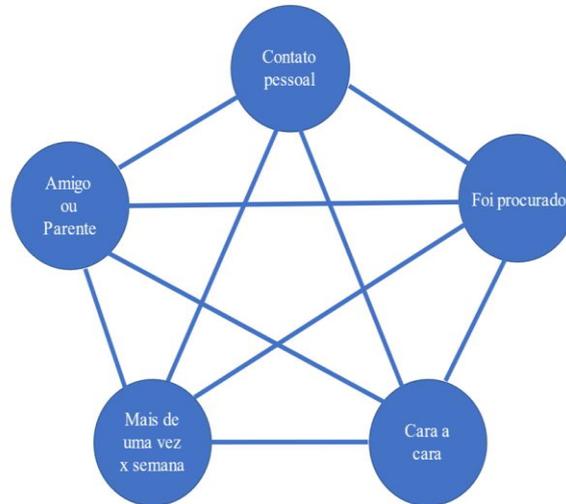
- i) É fundamental o contato pessoal como mecanismo de inserção laboral, tal fato é facilmente detectado quando analisado os resultados do bloco "obtenção de emprego" presente no instrumento de coleta, as variáveis mais expressivas são as que demonstram contato direto e\ou pessoal (Gráficos 7; 16). Os dados também demonstram a pouca eficácia dos mecanismos formais de inserção laboral, como agências de emprego\SINE e anúncios em jornal e revista, apenas 8,3% dos

entrevistados válidos conseguiram emprego através destes meios, tal fato corrobora com os achados de Guimarães (2009).

- ii) A proximidade espacial não é um fator decisório no mecanismo de inserção laboral. A indicação laboral não vem da vizinhança do entrevistado, o teste de aderência não foi significativo neste sentido, tal fato colide com o estudo de Guimarães(2009) que afirma que o circuito de proximidade é altamente significativo para a inserção laboral. A proximidade significativa vem do parentesco, compartilhamento do espaço de trabalho anterior e ter sido vizinho em algum momento.
- iii) Ser integrante da comunidade de culto não facilita a inserção laboral, 74,8% dos entrevistados válidos não indicariam emprego ou bico a algum membro da comunidade de culto, e 75% declararam não ter conseguido algum tipo de emprego ou bico através de indicação de algum membro da comunidade de culto.

A figura 6 apresenta cinco características das interações sociais que veiculam oportunidades para obter rendimento do trabalho. De forma substantiva, isto significa que na amostra coletada, são preponderantes os contatos pessoais, com amigos ou parentes, que acontecem mais de uma vez por semana e cara a cara. Além disso, é importante ressaltar que a informação veio do outro e não foi o resultado de uma busca ativa do interessado. Em termos gerais, estes achados vão na contramão da hipótese dos laços de Granovetter (1973) e ao encontro dos resultados de Guimarães (2009) para o mercado de trabalho no Brasil. Em outras palavras, a inserção de trabalhadores de baixos rendimentos acontece através de laços fortes e não de laços fracos. Lembremos que Granovetter pesquisou um segmento do mercado da alta gerência em Boston (MA), onde os ganhos salariais são muito maiores. No caso do mercado de trabalho de pessoas com baixa qualificação, as redes de contatos pessoais e de características fortes, coma as que destacamos na figura, indicam que a família, a redes de amigos, são um fator de proteção social. Porém, este capital social, apresenta uma estrutura de closure e não de buraco estrutural, pois não veiculam

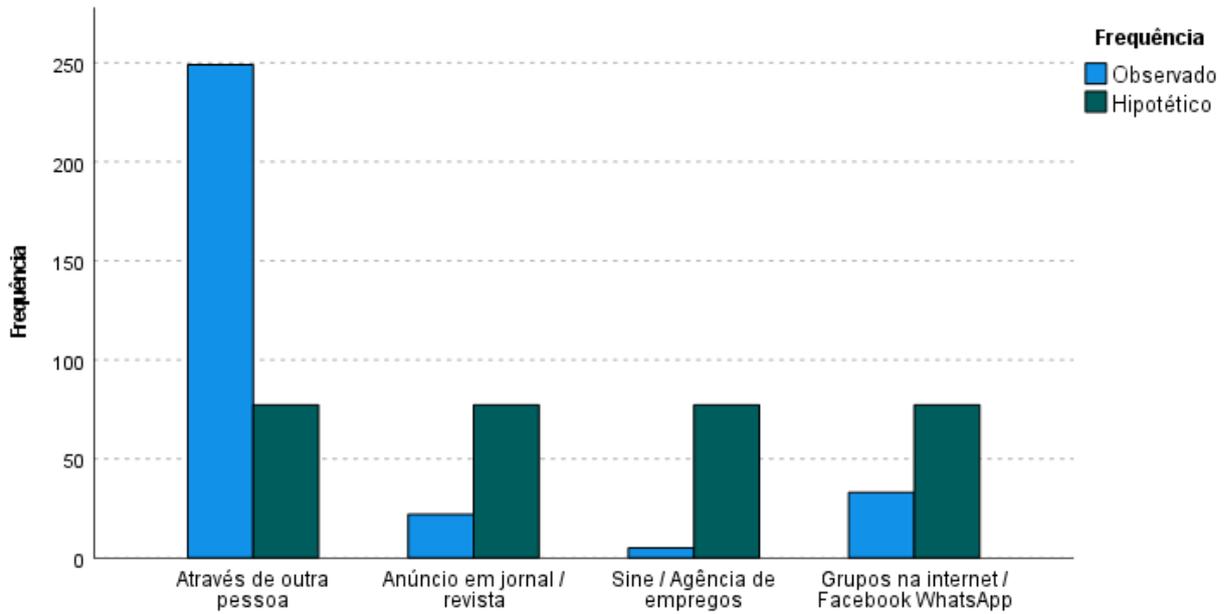
oportunidades que façam dar pulos qualitativos ou quantitativos na estrutura do mercado de trabalho.



**Figura 6:** Co-ocorrência das características dos laços fortes na inserção laboral

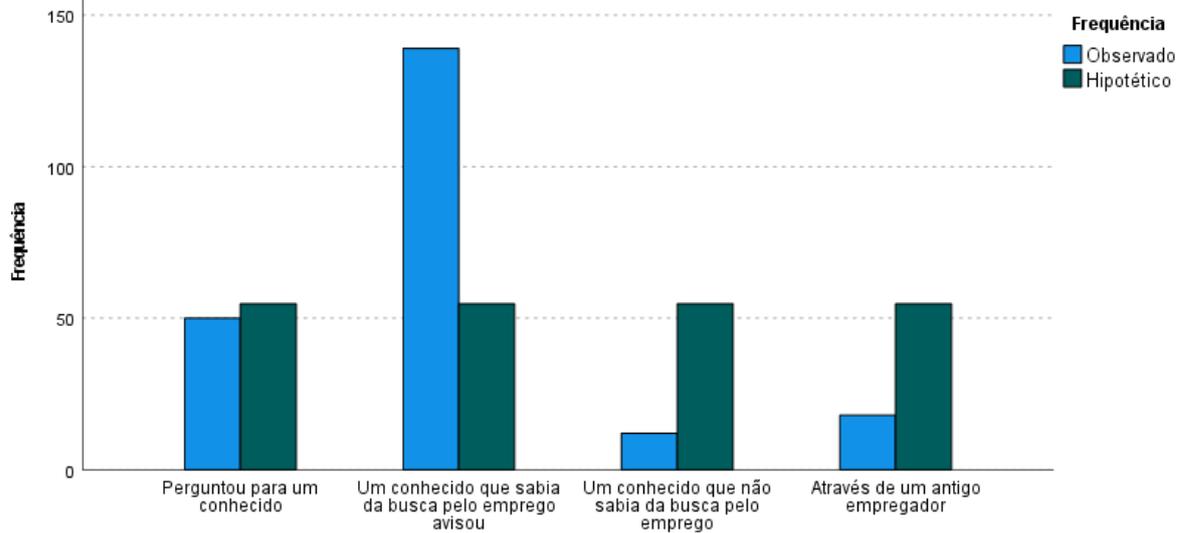
Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

Em uma análise macro dos dados anteriores, há uma divergência sobre a força do laço fraco do clássico de Granovetter(1973). Ao que notamos num primeiro momento, os menos favorecidos possuem uma dinâmica própria na gestão do capital social, os mecanismos de proximidade que mobilizam o mundo laboral estão diretamente ligados aos mesmos pares da camada social no qual estão inseridos, ou seja, trabalhadores que possuem renda de meio à 2 salários mínimos tendem a se relacionar no mesmo extrato social, cuja característica dos laços são fortes, logo suas redes de contato dificilmente angariam melhor qualidade e condições de trabalho. O que é realmente relevante são os detalhes do funcionamento das redes de proteção social e solidariedades reveladas.



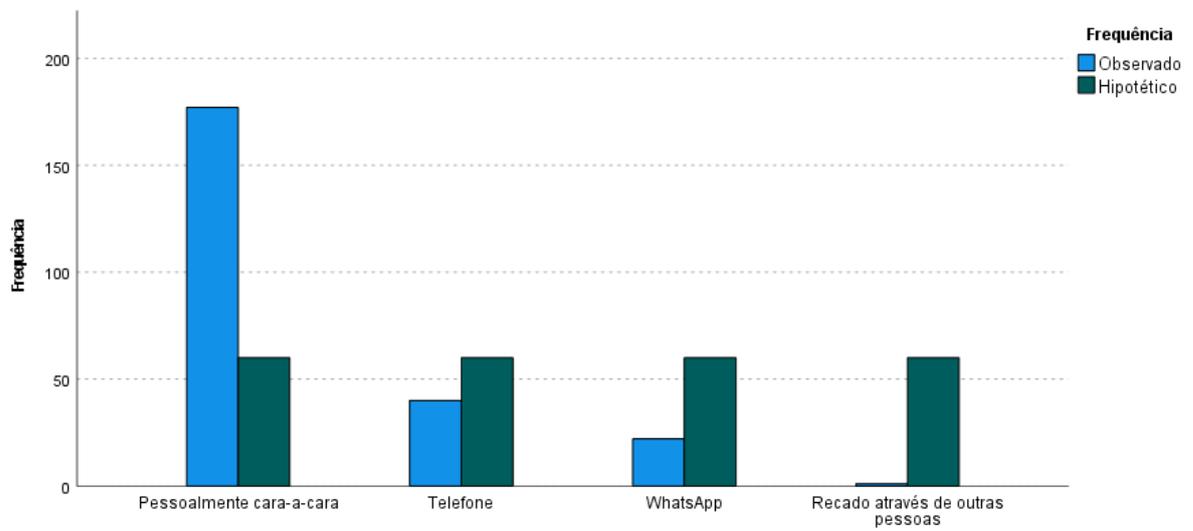
**Gráfico 7:** Distribuição de frequência dos entrevistados e os principais veículos de informações para inserção laboral, 2021 - Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



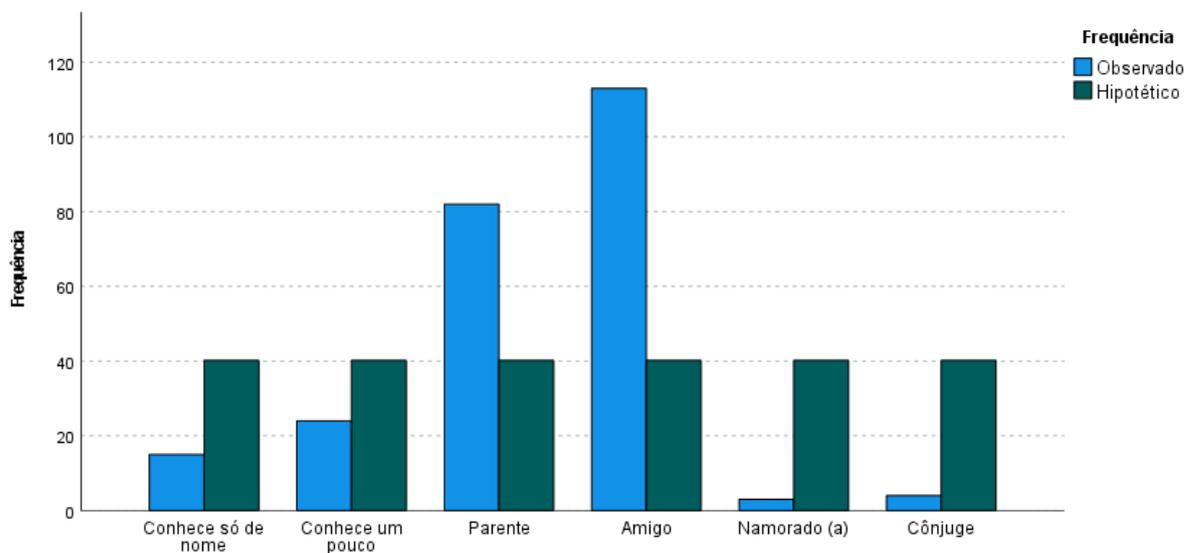
**Gráfico 8:** Distribuição de frequência dos entrevistados que tiveram contato direto com o informante para vaga de emprego.

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



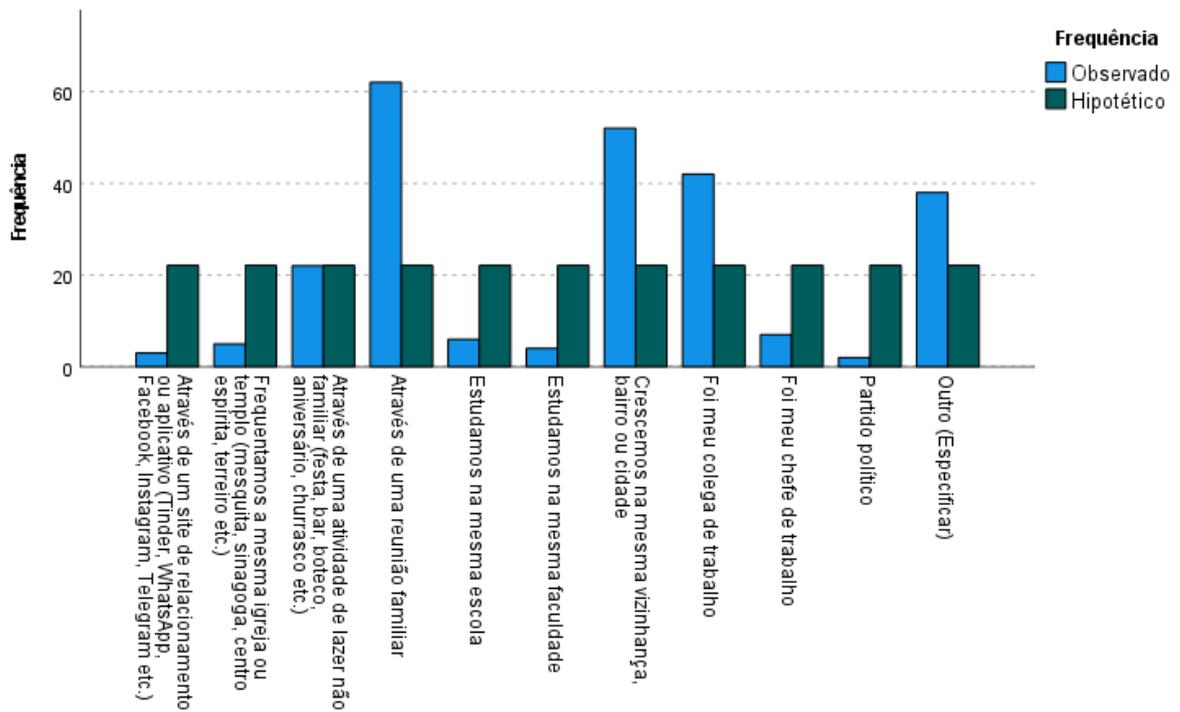
**Gráfico 9:** Distribuição de frequência dos mecanismos que os entrevistados utilizaram para repasse de informação, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



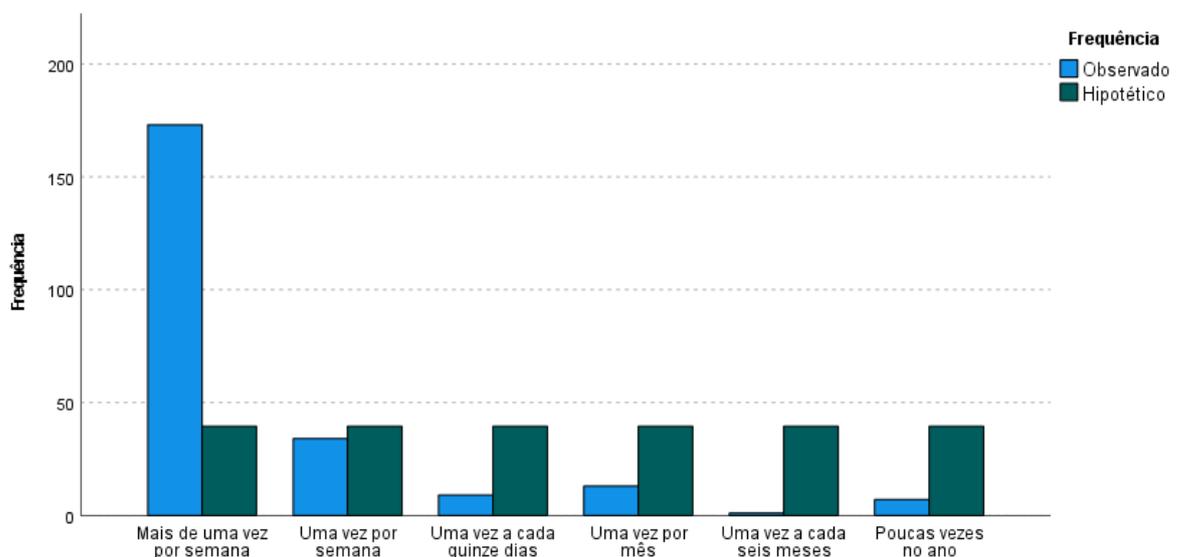
**Gráfico 10:** Distribuição de frequência do nível de relação com o informante, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



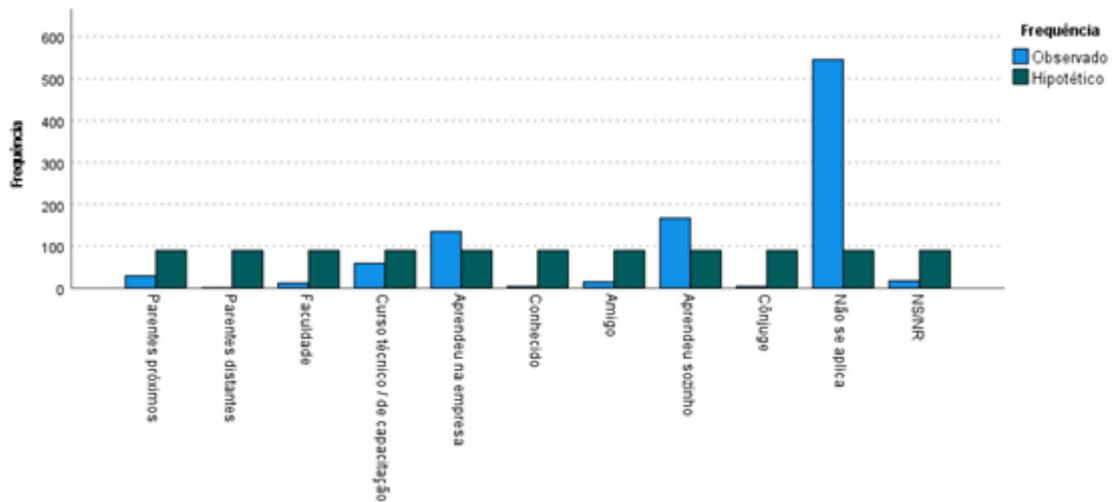
**Gráfico 11:** Distribuição de frequência de como o entrevistado conheceu o informante sobre a vaga de trabalho, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



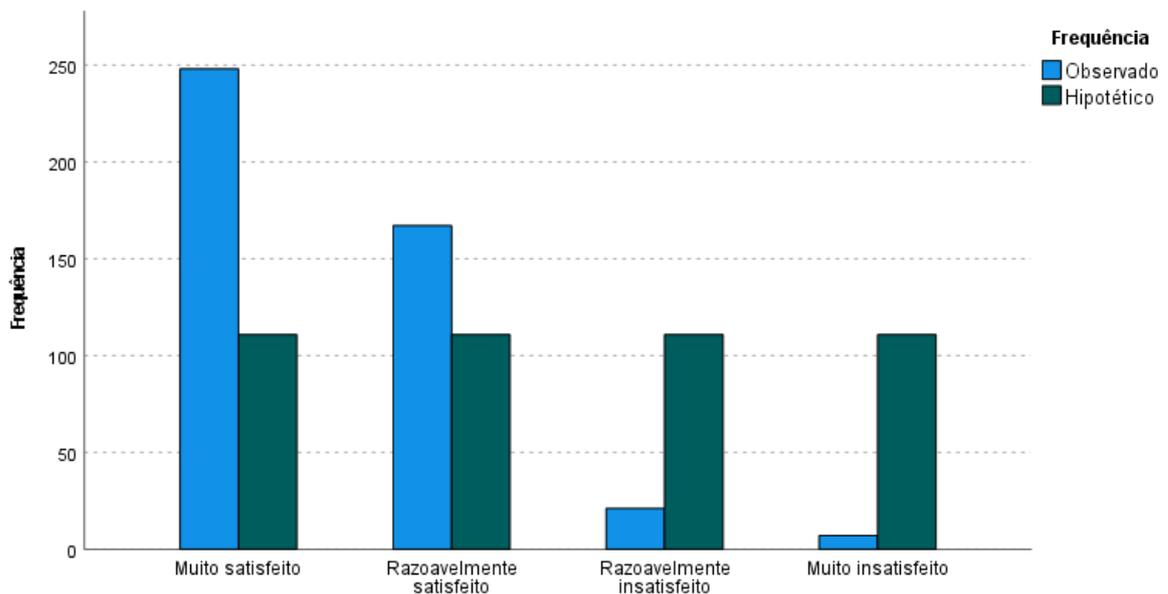
**Gráfico 12:** Distribuição de frequência de acordo com a frequência de contato entre entrevistado e informante da vaga de trabalho, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



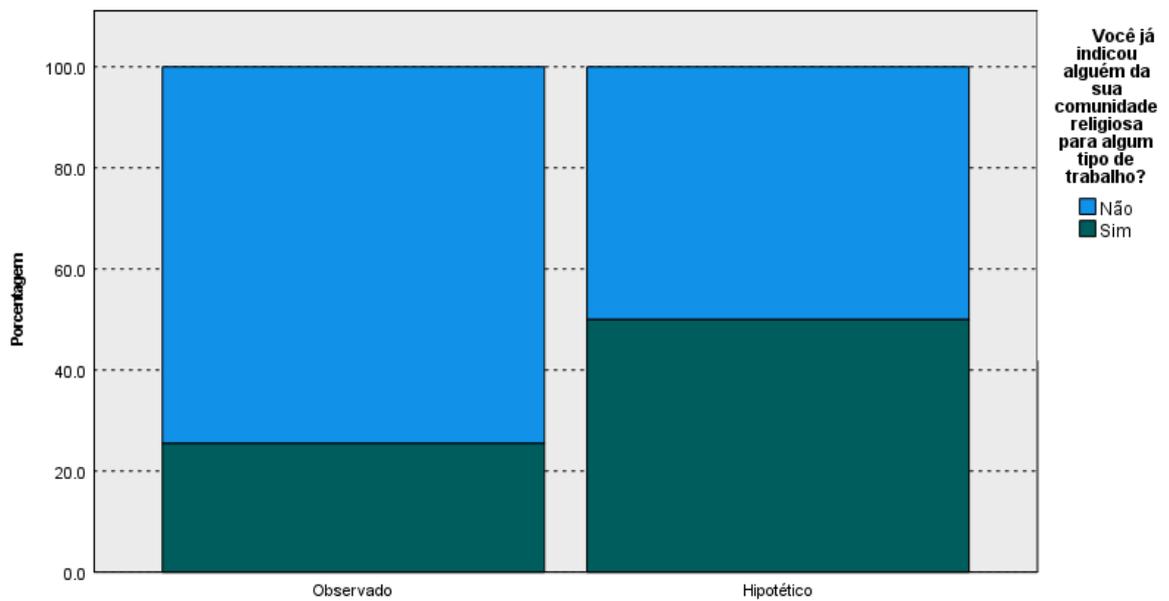
**Gráfico 13:** Distribuição de frequência de acordo com o aprendizado do ofício adquirido pelo entrevistado, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



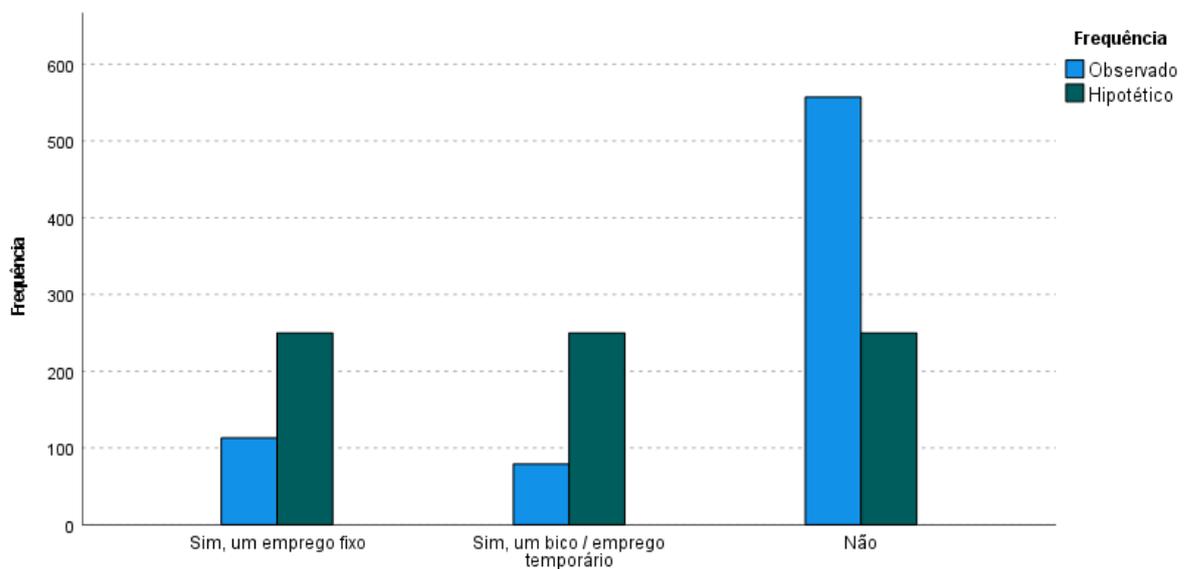
**Gráfico 14:** Distribuição de frequência quanto ao grau de satisfação do entrevistado com o trabalho, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



**Gráfico 15:** Distribuição percentual de entrevistados que indicaram outro membro da comunidade religiosa para algum tipo de vaga de trabalho, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa



**Gráfico 16:** Distribuição de frequência de entrevistados que conseguiram ou não trabalho através de um outro membro da comunidade religiosa, 2021 – Brasil

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

**Tabela 5:** Teste univariado – Qui quadrado de aderência

ESTATÍSTICAS DO TESTE											
	Veículo de informação	Contato direto com o informante	Mecanismo de repasse da informação	Nível de relação com o informante	O informante mora na vizinhança	Como conheceu o informante	Frequência de contato	Aprendizado do ofício	Grau de satisfação com o trabalho	Indicou outro membro da comunidade religiosa para um trabalho	Conseguiu trabalho através de um membro da comunidade religiosa
<b>Score chi quadrado</b>	514,2	188,1	316,9	264,8	0,67	226,8	557,5	648,0	368,5	600	569,7
<b>Grau de liberdade</b>	3	3	3	5	1	10	5	8	3	1	2
<b>Significância assintótica</b>	0,000	0,000	0,000	0,000	0,41	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000

\*Significante assintoticamente (teste de duas caudas), rejeita a hipótese da aleatoriedade

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

### 8.3. Análise Bivariada dos mecanismos de inserção laboral

Para testar a associação entre as variáveis da amostra em relação ao problema de pesquisa e hipótese geral, utilizamos o teste qui-quadrado de independência entre 6 variáveis mais importantes, afim de verificar a consistência dos dados (Tabela 6):

- i) O pertencimento a comunidade de culto se associa ao rendimento da semana de referência, ou seja, os círculos religiosos contribuem na obtenção de trabalho remunerado, fato este que testemunha e valida a hipótese geral. A variável raça também aparece associada, porém este efeito é esperado, já que no Brasil pobreza e raça estão associados (Osório, 2019).
- ii) A variável Sexo se associa com os rendimentos na semana de referência, o que demonstra que há uma discrepância entre mulheres e homens ao acesso a oportunidades de trabalho remunerado.

**Tabela 6:** Modelo bivariado – Qui quadrado de independência

	Filiação religiosa	Raça	Trabalho fixo semana referência	Sexo	Idade	Estado civil
Filiação religiosa		68,71 g140 (0,003)*	34,25 g18 (0,000)*	61,74 g18 (0,000)*	178,9 g132 (0,000)*	119,36 g124 (0,000)*
Raça			21,82 g15 (0,001)*	27,16 g15 (0,000)*	42,42 g120 (0,002)*	20 g115 (0,172)
Trabalho fixo semana referência				17,85 g11 (0,000)*	91,48 g14 (0,000)*	7,74 g13 (0,051)*
Sexo					5,4 g14 (0,289)	18,24 g13 (0,000)*
Idade						186 g112 (0,000)*
Estado civil						

\*Significante assintoticamente (teste de duas caudas), rejeita a hipótese de independência

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

#### 8.4. Análise Logística

O modelo Logístico (Tabela 7) utilizado testa os efeitos que ficaram sobreditos nas análises bivariadas. Sobre as chances de lograr em uma atividade remunerada, os homens possuem 118,4% de chances a mais do que as mulheres. Para a criação do modelo, a idade foi ajustada com valores quadráticos a fim de obter melhor efeito. Como resultado, observa-se que na medida em que a idade avança as chances de inserção laboral aumentam, porém há um declínio nas chances quando a idade está mais avançada, ou seja, ocorre uma parábola.

Utilizamos a variável escolaridade como categórica ordinal, e, como resultado, obtivemos que a cada série concluída aumenta em média 26,7% as chances de ter uma atividade remunerada.

Para a variável Raça utilizamos uma *dummie* com pretos e pardos. Os pardos têm uma redução de chances de 38,1%, os pretos tem a redução de chances em 56,1% de obter atividade remunerada, o achado corrobora com as evidências brasileiras sobre predileção da raça na desigualdade de ingressos.

Ser participante da comunidade de culto eleva em 8,2% as chances de obter rendimentos na semana de referência, tal efeito não é estatisticamente significativo, sendo assim, o modelo não é capaz de afirmar ou negar o efeito da filiação religiosa.

**Tabela 7:** Modelo logístico\*

	B	S.E.	Wald	df	Sig.	Exp (B)
<b>Homem</b>	,781	,151	26,824	1	,000**	2,184
<b>Idade</b>	,000	,000	59,009	1	,000**	1,000
<b>Escolaridade</b>	,236	,047	25,693	1	,000**	1,267
<b>Preto</b>	-,824	,199	17,139	1	,000**	,439
<b>Pardo</b>	-,480	,169	8,016	1	,005**	,619
<b>Evangélico</b>	,079	,173	,208	1	,648	1,082
<b>Intercepto</b>	-,327	,289	1,275	1	,259	,721

\*R Quadrado Nagelkerke 0,219 \*\*p valor < 0,01

Fonte: elaboração própria a partir dos dados da pesquisa

## 9. Considerações finais

Este trabalho se dispôs a entender tanto as relações entre a esfera religiosa e a esfera econômica das comunidades de culto no Brasil, como também os mecanismos causais de proximidade que possibilitam o ingresso ao mercado de trabalho dos crentes pentecostais e a consequente variação relativa dos ganhos salariais e de autoemprego.

A maior parte da amostra possui entre 45 e 59 anos de idade, com ensino médio completo, e são majoritariamente pretos e pardos. Dos que declararam estar trabalhando no momento da pesquisa, a maioria afirmou trabalhar por conta própria e a renda média salarial foi de R\$2.533,00. A religião católica possui mais adeptos, em segundo lugar a religião evangélica. As análises feitas neste trabalho explicitaram que o contato pessoal é parte do mecanismo fundamental para oportunidades laborais, sendo ele a ignição para o mercado de trabalho, o contato pessoal desencadeia um conjunto de efeitos que são acumulativos, reforçando a intensidade do laço.

A partir disso, ao questionarmos “*em que medida as redes de contato, tecidas em comunidades de culto, operam como mecanismos de inserção laboral e de oportunidades para a melhora dos ingressos do crente e sua família?*”, a pesquisa mostrou que a proximidade espacial, dos membros que participam da comunidade de culto, não interfere no contato pessoal, logo não é determinante para a produção de oportunidades laborais, mas foi constatado que o convívio *cara-a-cara* é de certo modo importante em algum momento na vida cotidiana dos entrevistados, seja ele em trabalhos anteriores, residindo próximo ou encontros familiares.

O fato de ser membro da comunidade de culto (num primeiro momento) não perpassa as afirmações anteriores, ou seja, o contato pessoal tecido em alguma fase da vida, independentemente do local, corrobora mais para a inserção laboral do que a participação em algum culto religioso por si só, os membros da comunidade de culto demonstraram não indicar outros membros a uma atividade remunerada somente por fazer parte da mesma comunidade de culto, tudo indica que é necessário ter um contato que de certa forma extravase os círculos religiosos.

Entre os achados, alguns resultados reforçam o padrão brasileiro, como por exemplo o fator de homens terem mais chances de uma atividade remunerada do que mulheres, a escolaridade aumentar as chances de inserção laboral a cada série concluída e o fato da raça pretos e pardos diminuir as chances de obtenção de

atividades remuneradas. Somando a esses e retomando a hipótese geral de que “*em círculos religiosos, os laços fortes, e não os fracos, veiculam oportunidades de emprego e qualificação para a vida produtiva*”, os dados apurados demonstram que, em círculos religiosos, os laços fortes, não veiculam oportunidades de emprego e qualificação para a vida produtiva, há um efeito positivo na filiação religiosa, porém a significância estatística não chancela sobre as reais chances de se conseguir uma atividade remunerada por participar de círculos religiosos. Sendo assim, os modelos propostos não foram suficientes para afirmar o efeito positivo da filiação evangélica sobre as chances de se conseguir uma atividade remunerada.

Os achados aqui apresentados estimulam a reflexão sobre a dinâmica social e laboral de um extrato cujo os laços desenvolvidos na vida cotidiana dizem muito a respeito da ascensão e condições de oportunidades laborais. A força dos laços possui um efeito que move toda a estrutura informacional gerando oportunidades, porém as oportunidades são equivalentes ao seu meio de origem, nesse sentido a escalada social é dificultosa, tal fato corrobora com a teoria de Granovetter de que em circuitos de laços fortes, a informação se degenera.

A partir desse estudo, ressalto a importância de estudos futuros que abordam a questão de círculos religiosos e da inserção laboral. A temática de comunidades de fé relacionadas a oportunidades econômicas e estudos econométricos (as redes de contato), ainda é pouco estudado no Brasil. Destaco também a importância de preencher as lacunas deixadas em trabalhos anteriores, tanto aqueles que estudam comunidades de culto quanto aqueles focados na população pentecostal.

## Bibliografia

- Bernardelli, Luan Vinícius, & Michellon, Ednaldo. O Impacto da Religião no Crescimento Econômico: Uma Análise Empírica para o Brasil em 1991, 2000 e 2010. *Estudos Econômicos* (São Paulo), 48(3), 489-523, 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/0101-416148351be>
- BOURDIEU, Pierre. **Le capital social : notes provisoires. Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 31, p. 2-3, 1980.
- BURT, Ronald. **Le capital social, les trous structuraux et l'entrepreneur. Revue Française de Sociologie** 36, 599-628, 1995.
- \_\_\_\_\_. The network structure of social capital. **Research in Organizational Behaviour** 20, 345-423, 2000.
- \_\_\_\_\_. Structural Holes versus Network Closure as Social Capital. In: LIN, Nancy; KAREN, Cook; BURT, Ronald (Eds). **Social Capital: Theory and Research**. New Jersey: Aldine Transaction, 2005.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. [1912], 2014.
- COLEMAN, James S. "Social Capital in the Creation of Human Capital". **American Journal of Sociology**, 94: S95-S120, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, Massachussets, London, England: Belknap Harvard, 1994.
- Corrêa, Victor. **Pastores como Empreendedores: Análise sob perspectivas comportamental e relacional**, 2016. 10.13140/RG.2.1.4193.1126.
- EVANS, Peter. **Autonomia e parceria**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2004.
- Everton, S.F. 'Networks and religion: Ties that bind, loose, build up, and tear down', **Journal of Social Structure** 16, 2015.
- FRESTON, P. **Pentecostalism in Brazil: A Brief History**. **Religion**, v. 25, n. 2, p. 119–133, 1 abr. 1995.
- GRANOVETTER, Mark. "The Strength of Weak Ties". **American Journal of Sociology**, 78:1360-1380, 1973.
- HIGGINS Silvio. **Fundamentos teóricos do capital Social**. Chapecó: Editora Argos, 2005.
- \_\_\_\_\_. "A difícil construção do capital social. Estruturas da ação coletiva numa organização camponesa colombiana". **Latin American Research Review** 47, 83-108, 2012.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2000**. Características gerais da população.
- INGLEHART, Ronald. **World Values Survey**. Disponível em: [www.worldvaluessurvey.com](http://www.worldvaluessurvey.com) acesso em dezembro de 2013.

Lavalle, A. e Castello, G. “Benesses desse mundo: associativismo religioso e inclusão socioeconômica”. In: **Novos Estudos**, No 68, 2004.

LAZEGA, Emmanuel. The Collegial Phenomenon. The social mechanisms of cooperation among peers in a corporate law partnership. **Oxford: University Press**, 2001.

LAZEGA, Emmanuel; HIGGINS, Silvio. **Redes sociais e estruturas relacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

LIN, Nancy; KAREN, Cook; BURT, Ronald. Social Capital: **Theory and Research**. New Jersey: Aldine Transaction, 2005.

MACEDO, Edir. **Vida em abundância**. Rio de Janeiro: Gráfica Universal, 1993.

MARIZ, Cecília L. A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Portugal, n. 33, p. 12-24, Out de 1991.

MARQUES, E. C. As redes sociais importam para a pobreza urbana? **Revista Dados**, Vol. 52, No 2, de 2009.

MARX, Karl. **El Capital: crítica de la economía política**. Tomos I, II, III. México: Fondo de Cultura Económica, 2014.

NERI, Marcelo. A nova classe média. O lado brilhante da base da pirâmide. São Paulo: Saraiva, 2011.

POTTER, Joseph E., AMARAL, Ernesto F.L; WOODBERRY, Robert D. The Growth of Protestantism in Brazil and Its Impact on Male Earnings, 1970–2000. **Social Forces** 93(1) 125-153, September 2014.

SILVEIRA, Macelo. O discurso da teologia da prosperidade em igrejas evangélicas pentecostais. Estudo da retórica e da argumentação no culto religioso. Tese defendida no Programa de Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. [1906], 2004.

\_\_\_\_\_ **A ética econômica das religiões mundiais**. Petrópolis: Vozes, 2016.

\_\_\_\_\_ **Economía y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica ([1920], 2002).

## ANEXO A

Questionário aplicado nas capitais de Belo Horizonte (26/01/2021 a 28/01/2021), São Paulo (26/04/2021 a 28/01/2021) e Rio de Janeiro (29/04/2021 a 01/05/2021).

### **Bloco 1: Caracterização do entrevistado**

PERGUNTA 1) Anote o sexo:  
Masculino

Feminino

PERGUNTA 2) Qual a sua idade? (**ESPONTÂNEA – ANOTE EXATAMENTE O QUE O ENTREVISTADO RESPONDER**)

Entrevistar pessoas apenas acima de 18anos.

PERUNTA 3) APLICADOR DE ACORDO COM A RESPOSTA ANTERIOR, ASSINALAR NESTA OPÇÃO PARA CONTABILIZAÇÃO DE COTAS

14 e 15 anos

35 a 44 anos

16 a 24 anos

45 a 59 anos

25 a 34 anos

60 anos ou mais

PERGUNTA 4) Mesmo que apenas esporadicamente, você participa de alguma igreja ou culto religioso? Qual?

Não segue nenhuma religião

Igreja Judaica

Espiritismo

Igreja Católica

Islamismo / Muçulmano

Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)

Igreja Protestante

Hindu

Religiões de origem indígena

Igreja Evangélica

Budismo

NS/NR

Igreja Católica Ortodoxa  
(Russo/Grego etc.)

Outra

PERGUNTA 5) [PARA IGREJA EVANGÉLICA / PROTESTANTE] Qual o nome e endereço (rua ou bairro) da igreja que você frequenta? (**ESPONTÂNEA – ANOTE EXATAMENTE O QUE O ENTREVISTADO RESPONDER**)

PERGUNTA 6) Em qual estado do Brasil você nasceu?

Acre

Maranhão

Rio de Janeiro

Alagoas

Mato Grosso

Rio Grande do Norte

Amapá

Mato Grosso do Sul

Rio Grande do Sul

Amazonas	Minas Gerais	Rondônia
Bahia	Pará	Roraima
Ceará	Paraíba	Santa Catarina
Distrito Federal	Paraná	São Paulo
Espírito Santo	Pernambuco	Sergipe
Goiás	Piauí	Tocantins
		Não é nascido no Brasil

PERGUNTA 7) Qual o seu estado civil?		
Solteiro	União estável	
Casado	Separado / divorciado	NS NR

PERGUNTA 8) Quantos filhos você tem?	
Não possui filhos	5
1	Outra quantidade (Especificar)
2	NS/NR
3	
4	

PERGUNTA 9) Você se considera branco, preto, pardo, indígena ou amarelo?	
Branco	Amarelo
Preto	NS NR
Pardo	
Indígena	

PERGUNTA 10) Você estudou até que ano da escola?		
Nunca frequentou a escola	Médio / técnico completo	Mestrado completo
Fundamental incompleto	Superior incompleto	Doutorado incompleto
Fundamental completo	Superior completo	Doutorado completo
Médio / técnico incompleto	Mestrado incompleto	NS NR

PERGUNTA 11) A casa em que você mora é própria, alugada ou cedida? [SE PRÓPRIA, PERGUNTAR SE É QUITADA. SE CEDIDA, PERGUNTAR POR QUEM]	
Própria quitada	Cedida por familiar
Própria em quitação	Cedida de outra forma

Alugada	NS/NR
Cedida pelo empregador	

PERGUNTA 12) APENAS PARA QUEM PAGA ALUGUEL: Qual o valor mensal de aluguel?

## **Bloco 2: Trabalho**

PERGUNTA 13) Você possui trabalho fixo com ou sem carteira assinada ou realizou qualquer atividade remunerada nos últimos 7 dias?

Sim	NS/NR
Não	

PERGUNTA 14) Em quantos locais diferentes você trabalhou de forma remunerada nos últimos sete dias?

1	3	NS/NR
2	4 ou mais	

PERGUNTA 15) Desconsiderando o tempo para chegar ao local de trabalho, quantas horas você trabalha por dia? **(ESPONTÂNEA – ANOTE EXATAMENTE O QUE O ENTREVISTADO RESPONDER)**

ATENÇÃO: AS PERGUNTAS A SEGUIR SÃO REFERENTES A PRINCIPAL ATIVIDADE, ONDE O ENTREVISTADO PASSA A MAIOR PARTE DO TEMPO.

PERGUNTA 16) Você trabalha em empresa privada ou no setor público ou por conta própria autônomo ou em aplicativos ou como empregado doméstico ou em entidades militares, como polícia, forças armadas ou bombeiros ou em ONGs ou é empresário?

Empresa privada	Militar	NS/NR
Setor público	ONG	
Conta própria / autônomo	Empresário / dono de empresa	
Empregado doméstico	Aplicativos (Uber, 99, Loggi, iFood etc.)	

PERGUNTA 17) [PARA EMPRESA, EMPREGADO DOMÉSTICO OU ONG] Você possui carteira assinada?

Sim	NS/NR
Não	

PERGUNTA 18) Você trabalha no setor de comércio e serviços, em atividades agrícolas, industriais, na administração pública ou atividades extrativistas?		
Setor de comércio e serviços	Atividades industriais	Extrativismos
Atividades agrícolas	Administração pública	NS/NR

PERGUNTA 19) Fazem quantos anos você está neste trabalho? (ESCREVER EM TEXTO EX.: 1 ANO E 3 MESES)

PERGUNTA 20) Em média, qual a sua renda mensal, considerando trabalhos extras e bicos? Neste caso, considere apenas o seu rendimento pessoal.

### **Bloco 3: Mecanismos de obtenção de emprego**

PERGUNTA 21) Você se lembra como ficou sabendo desse emprego? Se foi através de um conhecido ou amigo, por anúncios em jornais ou revistas, em grupos na internet, no SINE ou em agências de emprego ou pela TV / Rádio?	
Conhecido ou amigo	Rádio / TV
Anúncio em jornal / revista	Grupos na internet / Facebook WhatsApp
Sine / Agência de empregos	NS/NR

PERGUNTA 22) [PARA CONHECIDO OU AMIGO NA PRIMEIRA PERGUNTA DO BLOCO]: Você lembra se perguntou diretamente para ele, se ele sabia que você estava procurando e te contou, se foi através de uma pessoa que não sabia que você estava procurando emprego ou foi através de um antigo empregador?
Perguntou para um conhecido
Um conhecido que sabia da busca pelo emprego avisou
Um conhecido que não sabia da busca pelo emprego
Através de um antigo empregador
NS NR

PERGUNTA 23) [PARA CONHECIDO OU AMIGO NA PRIMEIRA PERGUNTA DO BLOCO]: E você lembra se essa pessoa te passou a informação cara-a-cara, por telefone, por WhatsApp, e-mail ou mandou recado através de outras pessoas?
Pessoalmente cara-a-cara
Telefone

WhatsApp
E-mail
Recado através de outras pessoas
NS NR

PERGUNTA 24) [PARA CONHECIDO OU AMIGO NA PRIMEIRA PERGUNTA DO BLOCO]: Qual o grau de relação com essa pessoa? Você conhece só de nome, conhece um pouco, é um parente, amigo ou namorado(a)/esposa(o)?
Conhece só de nome
Conhece um pouco
Parente
Amigo
Namorado (a) / ex-namorado (a)
Cônjuge / ex-cônjuge
NS NR

PERGUNTA 25) [PARA CONHECIDO OU AMIGO NA PRIMEIRA PERGUNTA DO BLOCO]: Ela mora na vizinhança? (Considerar como vizinhança a capacidade de ir até a casa da pessoa a pé)
Sim
Não
NS/NR

PERGUNTA 26) [PARA CONHECIDO OU AMIGO NA PRIMEIRA PERGUNTA DO BLOCO]: Como você conheceu essa pessoa?

Através de um site de relacionamento ou aplicativo (Tinder, WhatsApp, Facebook, Instagram, Telegram etc.)

Frequentamos a mesma igreja ou templo (mesquita, sinagoga, centro espírita, terreiro etc.)

Através de uma atividade de lazer não familiar (festa, bar, boteco, aniversário, churrasco etc.)

Através de uma reunião familiar

Estudamos na mesma escola

Estudamos na mesma faculdade

Crescemos na mesma vizinhança, bairro ou cidade

Foi meu colega de trabalho

Foi meu chefe de trabalho

Partido político

Sindicato

Associação profissional

Associação comunitária

Outro (Especificar)

NS/NR

PERGUNTA 27) [PARA CONHECIDO OU AMIGO NA PRIMEIRA PERGUNTA DO BLOCO]: Na época que você foi indicado por essa pessoa, com que frequência vocês mantinham contato?

Mais de uma vez por semana

Uma vez por mês

Uma vez por semana

Uma vez a cada seis meses

Uma vez a cada quinze dias

Poucas vezes no ano

NS NR

PERGUNTA 28) Como você aprendeu o seu trabalho que desempenha atualmente? Aprendeu na empresa, por conta própria, em curso de capacitação, com familiares próximos, pai e mãe, parentes mais distantes, através de conhecido, amigo, namorado?

Pai e\ou mãe

Conhecido

Parentes próximos

Parentes distantes

Amigo

Faculdade

Aprendeu por conta própria

Curso técnico de capacitação

Cônjuge / ex/cônjuge

Aprendeu na empresa

NS NR

PERGUNTA 29) [PARA CURSO DE CAPACITAÇÃO]: Você fez algum curso de capacitação? Se lembra onde?  
[SELEÇÃO MÚLTIPLA]

Igreja / ou entidade religiosa	Partido político
SEBRAE	Entidades empresariais
SENAI	Sindicato
Escola profissionalizante	Curso online / digital
ONG	Outros (Especificar)
Associação comunitária	NS NR

PERGUNTA 30) Qual o grau de satisfação com o seu trabalho atual? Muito satisfeito, razoavelmente satisfeito, razoavelmente insatisfeito ou muito insatisfeito?

Muito satisfeito  
Razoavelmente satisfeito  
Razoavelmente insatisfeito  
Muito insatisfeito  
NS NR

PERGUNTA 31) Você já indicou alguém da sua comunidade religiosa para algum tipo de trabalho?

Sim  
Não  
NS NR

PERGUNTA 32) Você já conseguiu algum tipo de trabalho através da indicação de um conhecido da sua comunidade religiosa?

Sim, um emprego fixo  
Sim, um bico / emprego temporário  
Não  
NS NR

PERGUNTA 33) [PARA EMPRESÁRIOS] Caso você tivesse que contratar um novo funcionário, daria preferência para pessoas da sua comunidade religiosa?

Sim  
Não  
NS NR

PERGUNTA 34) Durante a pandemia de COVID 19 você conseguiu algum tipo de trabalho através de um conhecido da sua comunidade religiosa?
Sim
Não
NS NR

PERGUNTA 35) Durante a pandemia de COVID 19 você indicou alguém da sua comunidade religiosa para algum tipo de trabalho?
Sim
Não
NS NR

#### **Bloco 4: Perfil religioso**

PERGUNTA 36) Você já teve outra religião? Qual era a outra religião?		
Nunca teve outra religião	Igreja Judaica	Espiritismo
Igreja Católica	Islamismo / Muçulmano	Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)
Igreja Protestante	Hindu	Religiões de origem indígena
Igreja Evangélica	Budismo	Outra (especificar)
Igreja Católica Ortodoxa (Russo/Grego etc.)		NS NR

PERGUNTA 37) Mesmo que esporadicamente, o seu pai participa ou participava de alguma igreja ou culto religioso? Qual?		
Não tinha religião	Igreja Judaica	Espiritismo
Igreja Católica	Islamismo / Muçulmano	Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)
Igreja Protestante	Hindu	Religiões de origem indígena
Igreja Evangélica	Budismo	Outra (especificar)
Igreja Católica Ortodoxa (Russo/Grego etc.)		NS NR

PERGUNTA 38) O seu pai já teve outra religião? Qual era a outra religião? Caso exista mais de uma filiação marcar também a segunda	
1ª Filiação	2ª Filiação (caso houver)
Nunca teve outra religião	Nunca teve outra religião
Igreja Católica	Igreja Católica

Igreja Protestante	Igreja Protestante
Igreja Evangélica	Igreja Evangélica
Igreja Católica Ortodoxa (Russo/Grego etc.)	Igreja Católica Ortodoxa (Russo/Grego etc.)
Igreja Judaica	Igreja Judaica
Islamismo / Muçulmano	Islamismo / Muçulmano
Hindu	Hindu
Budismo	Budismo
Espiritismo	Espiritismo
Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)	Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)
Religiões de origem indígena	Religiões de origem indígena
Outra (especificar)	Outra (especificar)
NS NR	NS NR

PERGUNTA 40) Mesmo que esporadicamente, a sua mãe participa ou participava de alguma igreja ou culto religioso? Qual?

Nunca teve outra religião	Igreja Judaica	Espiritismo
Igreja Católica	Islamismo / Muçulmano	Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)
Igreja Protestante	Hindu	Religiões de origem indígena
Igreja Evangélica	Budismo	Outra (especificar)
Igreja Católica Ortodoxa (Russo/Grego etc.)		NS NR

PERGUNTA 41) A sua mãe já teve outra religião? Qual era a outra religião? Caso exista mais de uma filiação marcar também a segunda

1ª Filiação	2ª Filiação (caso houver)
Nunca teve outra religião	Nunca teve outra religião
Igreja Católica	Igreja Católica
Igreja Protestante	Igreja Protestante
Igreja Evangélica	Igreja Evangélica
Igreja Católica Ortodoxa (Russo/Grego etc.)	Igreja Católica Ortodoxa (Russo/Grego etc.)
Igreja Judaica	Igreja Judaica
Islamismo / Muçulmano	Islamismo / Muçulmano
Hindu	Hindu

Budismo	Budismo
Espiritismo	Espiritismo
Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)	Origem africana (Umbanda, Candomblé etc.)
Religiões de origem indígena	Religiões de origem indígena
Outra (especificar)	Outra (especificar)
NS NR	NS NR

PERGUNTA 42) [PARA IGREJA EVANGÉLICA / PROTESTANTE] Você sabe o nome e endereço (rua ou bairro) da igreja que sua mãe frequenta? **(ESPONTÂNEA – ANOTE EXATAMENTE O QUE O ENTREVISTADO RESPONDER)**

PERGUNTA 43) Faz quantos anos você frequenta atividades religiosas? **(ESCREVER EM TEXTO EX.: 1 ANO E 3 MESES)**

PERGUNTA 44) Com qual frequência você vai a igreja ou grupo religioso?

Mais de uma vez por semana	Uma vez no mês	NS NR
Uma vez por semana	Uma vez a cada seis meses	
Uma vez a cada quinze dias	Poucas vezes no ano	

PERGUNTA 45) [PARA QUEM FREQUENTA MAIS DE UMA VEZ POR SEMANA / SELEÇÃO MÚLTIPLA]: Quais dias da semana você geralmente vai na igreja?

Segunda	Quinta	Domingo
Terça	Sexta	Todos os dias
Quarta	Sábado	Sem dia certo
NS NR		Não frequenta

PERGUNTA 46) Você costuma contribuir com dinheiro para a sua igreja?

Sim	NS NR
Não	
Atualmente não, mas já contribuiu	

PERGUNTA 47) [SE SIM] Com qual frequência	
Todas as vezes que vai na igreja	Uma vez por ano
Uma vez por mês	NS NR
Algumas vezes no ano	

PERGUNTA 48) Com quanto você contribui para a sua igreja ou grupo religioso?
--

### **Bloco 5: Perfil moral**

Vou falar algumas frases e gostaria que você me falasse se concorda ou discorda:

PERGUNTA 49) “Podemos viver sem acreditar em Deus e sem frequentar uma igreja ou algum culto”		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR

PERGUNTA 50) “No geral, as pessoas religiosas são bem-sucedidas no trabalho e na vida familiar”		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR

PERGUNTA 51) “O casamento verdadeiro é aquele conformado por um homem e uma mulher”		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR

PERGUNTA 52) “Abortar é um crime, não há circunstâncias que justifiquem esta prática”		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR

PERGUNTA 53) “Fumar maconha é um crime e deve ser punido com pena de prisão”		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR

PERGUNTA 54) “As pessoas que recebem bolsa família são preguiçosos que não querem trabalhar”		
--	--	--

Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR
PERGUNTA 55) "Bandido bom é bandido morto"		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR

PERGUNTA 56) "Quando uma mulher apanha do marido ou namorado é por que algo ela fez"		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR

PERGUNTA 57) "Já disse a minha mãe, pessoas brancas são mais confiáveis que pessoas pretas"		
Concorda totalmente	Discorda parcialmente	
Concorda parcialmente	Discorda totalmente	NS NR